

EXPEDIÇÃO LIBERDADE

UM PROJETO DE

Larusso, Cuducos & Mabel





AHOY!

A Expedição Liberdade é um projeto com o objetivo de conhecer e compartilhar experiências sobre espaços de aprendizado que buscam alternativas ao ensino tradicional.

Ele começou quando o Larusso recebeu de um amigo o convite para fazer um curso na Schumacher College, na Inglaterra. Ele não iria ao velho continente em um bate-e-volta de uma semana: ele aproveitaria a viagem para visitar escolas e espaços de aprendizado que buscam algo novo. Na mesma época, o Cuducos e a Mabel estavam de mudança para Londres. Com isso, resolvemos nos juntar. A Expedição aconteceria de qualquer forma: nós três já estaríamos na Europa e faríamos as visitas. Mas queríamos mais: queríamos poder compartilhar a experiência com mais gente. E assim começou nossa campanha no Catarse.

O foco não era financiar a Expedição em si, mas nos dar condições para fazer o registro dela, contar e compartilhar nossa experiência após a viagem. Anunciamos também que, quanto mais conseguíssemos arrecadar, mais e melhor poderíamos contar sobre a Expedição. Se atingíssemos a cota mínima, teríamos posts no blog do Estaleiro Liberdade. Conforme fôssemos arrecadando mais, as entregas seriam melhores: infográficos, mini-documentários e encontros presenciais. Foi um sucesso. Foram 110 apoiadores que nos fizeram superar nossa cota mínima em 9265% – surpreendendo qualquer expectativa que nós tivéssemos.

Assim fomos visitar e interagir com a Brockwood Park School, a General Assembly, a Hyper Island, a Kaospilot, a The School of Life, a Schumacher College, a Studio Schools, a Team Academy e a Trade School.

O que nos chamou a atenção desde o início desse processo foi algo que, imersos na língua inglesa, chamamos de skills for autonomy. Em português,

seria algo como habilidades, ou competências, para que a pessoa que se envolve na aprendizagem possa ser livre, possa ser autônoma. Cada uma das escolas pareceu interpretar isso de um jeito diferente, mas de certa forma essa ideia era recorrente em todas elas – a educação tem que proporcionar ao indivíduo conhecimentos, experiências, reflexões e ferramentas para que ele possa exercer sua autonomia, seja para não se abalar em crises de mercado, seja para lidar com problemas humanos, mundanos e subjetivos, seja para sentir-se livre e forte para traçar seus próprios caminhos no mundo.

Para oferecer esse tipo de aprendizagem, vimos que um dos diferenciais é entender o indivíduo antes de se propor a educá-lo. Isso faz com que os sistemas de educação não puxe o estudante para um lado que, talvez, ele ache frustrante mais tarde. Se você já sabe onde quer levar quem está aprendendo, pode ser que esteja projetando nele alguém que ele não necessariamente queira ser – cria-se uma tensão nesse processo. Então, é essencial que um espaço de aprendizado como os que visitamos ouça e acolha tanto o que quem está aprendendo é enquanto indivíduo, quanto os rumos que ele quer seguir.

Esses pontos não são simples: exigem reflexão e autoconhecimento; exigem perguntas e decisões nada fáceis. Por isso, processos de aprendizagem como esses têm que oferecer subsídios para que quem aprende consiga refletir sobre essas perguntas, para que quem aprende consiga experimentar, errar e acertar, achando um caminho no processo. Têm que oferecer, também, as ferramentas, técnicas, e bases teóricas para que esse indivíduo consiga estruturar suas ideias, projetos e iniciativas. Por fim, esse processo ainda tem



Mabel, Cuducos e Larusso



Trade School - Workshop



Brockwood Park - cozinha



Energizer Kaospilot



Oficina - The Studio School

que proporcionar um porto seguro a quem aprende, seja na parte financeira (por exemplo, compartilhando conhecimentos que têm aplicação fácil e imediata no mercado) seja social (por exemplo, ajudando-o a dialogar e propondo iniciativas que sejam relevantes não só para ele, mas também para a comunidade na qual ele está inserido).

Os processos de aprendizado que vimos (cada um deles mais ou menos fiel a esse conjunto de características) parecem empoderar as pessoas, fazendo com que elas se sintam menos dependentes de padrões, de ideais de emprego, de carreira, de estilos de vida. Em processos como esses, vimos que elas se sentem mais capacitadas para tomar decisões profissionais e pessoais, para trazer os sonhos e paixões para o seu dia a dia, e para ver mais sentido no que fazem, no que trabalham, no que resolvem estudar e nos temas nos quais resolvem se aprofundar. Esse movimento, é importante destacar, acontece no sentido contrário ao da especialização em carreiras já dadas e valorizadas, com títulos e cargos aspiracionais.

O que vimos foram alternativas que olham para o que indivíduo quer fazer no mundo, e não para o que o mundo quer que o indivíduo faça. Com isso, ficou clara uma crítica que essas propostas alternativas trazem sobre a educação tradicional: há uma vontade de se afastar de um modelo industrial de educação, de um modelo que parte da certeza sobre o que deve ser aprendido, de um modelo que nos levou para um cenário onde a educação é extremamente competitiva, escassa e baseada na linearidade, de um modelo, por fim, centrado na “aquisição” e mensuramento de um conhecimento pré-estabelecido. Essa educação cartesiana, funcionando como uma linha de produção na qual as caixinhas (áreas, especializações, carreiras)

já são dadas previamente, não consegue escutar o estudante, não consegue oferecer a ele um espaço para reflexões sobre quem ele é, sobre quais rumos quer seguir, e sobre como ele quer se relacionar com o mundo. Aliás, ao contrário, essas reflexões são evitadas na medida em que as respostas já estão dadas no modelo. Esse processo não dá espaço para a humana-dade de quem aprende, para a luz que existe no estudante, para o desejo verdadeiro das trocas significativas que podem acontecer no processo de aprendizagem.

Vimos que o que dá base para os espaços que visitamos é o conceito de aprendizagem livre – o que é, de certa forma, uma negação da ideia de educação “industrial”. Sintomático dessa crítica é o quanto as possibilidades de educação a distância, online, perdem espaço nas escolas que visitamos: em muitas delas a tecnologia não cumpre papel especial algum – e mesmo no caso das que oferecem alguns conteúdos via internet, essa possibilidade passa longe de ser um diferencial relevante para a proposta da escola.

Por outro lado, esses espaços apostam muito no contato humano, na conversa, no relacionamento com as pessoas envolvidas na aprendizagem, e na reflexão coletiva sobre o processo – atividades que dificilmente acontecem a distância com a mesma intensidade e profundidade que na conversa presencial.

Este livro digital é um convite para conhecer os detalhes desta experiência, onde contamos o que mais nos chamou a atenção em cada escola que visitamos no final de 2013. Foram nove encontros, nove oportunidades únicas de conhecer e dialogar sobre espaços e pessoas que buscam novos horizontes à educação tradicional.



Workshop Rio de Janeiro - GOMA



Trade School - Zombie Girl e Lifestyle Hacker



Schumacher College



Campos de cultivo da Schumacher College



General Assembly



Workshop São Paulo - Laboriosa 39

TRIPULAÇÃO



DANIEL LARUSSO

Estudei design, onde conheci a Mabel e o Cuducos. Mas foi criando encontros e espaços alternativos de aprendizagem que eu mais aprendi. Fui publicitário e saí dessa vida. De uns anos pra cá, me dedico a empreender por mais autonomia pra todo mundo. Principalmente nos campos do design e tecnologia, livre aprendizagem, economia colaborativa e empreendedorismo. É por isso que desenvolvi projetos como o Nós.vc, Estaleiro Liberdade, LAUNCH!, Unlock e Hell Yeah. Você pode conhecer todos eles e acompanhar meus textos diários em: www.larusso.com.br



EDUARDO CUDUCOS

Sou basicamente um curioso, mais sociólogo e programador do que designer. No fundo são apenas três formas diferentes que encontrei para explorar nossa cultura e estilo de vida, para testar e propor coisas novas. Estudo economia colaborativa e financiamento coletivo em meu doutorado em sociologia na University of Essex, Inglaterra, contribuo com alguns projetos de código livre e participo de coletivos aprendendo e ensinando programação. Me formei em design na UFSC há um bom tempo atrás, e foi no design que conheci o Larusso e a Mabel. Se você quiser me stalker pode começar por aqui: cuducos.me



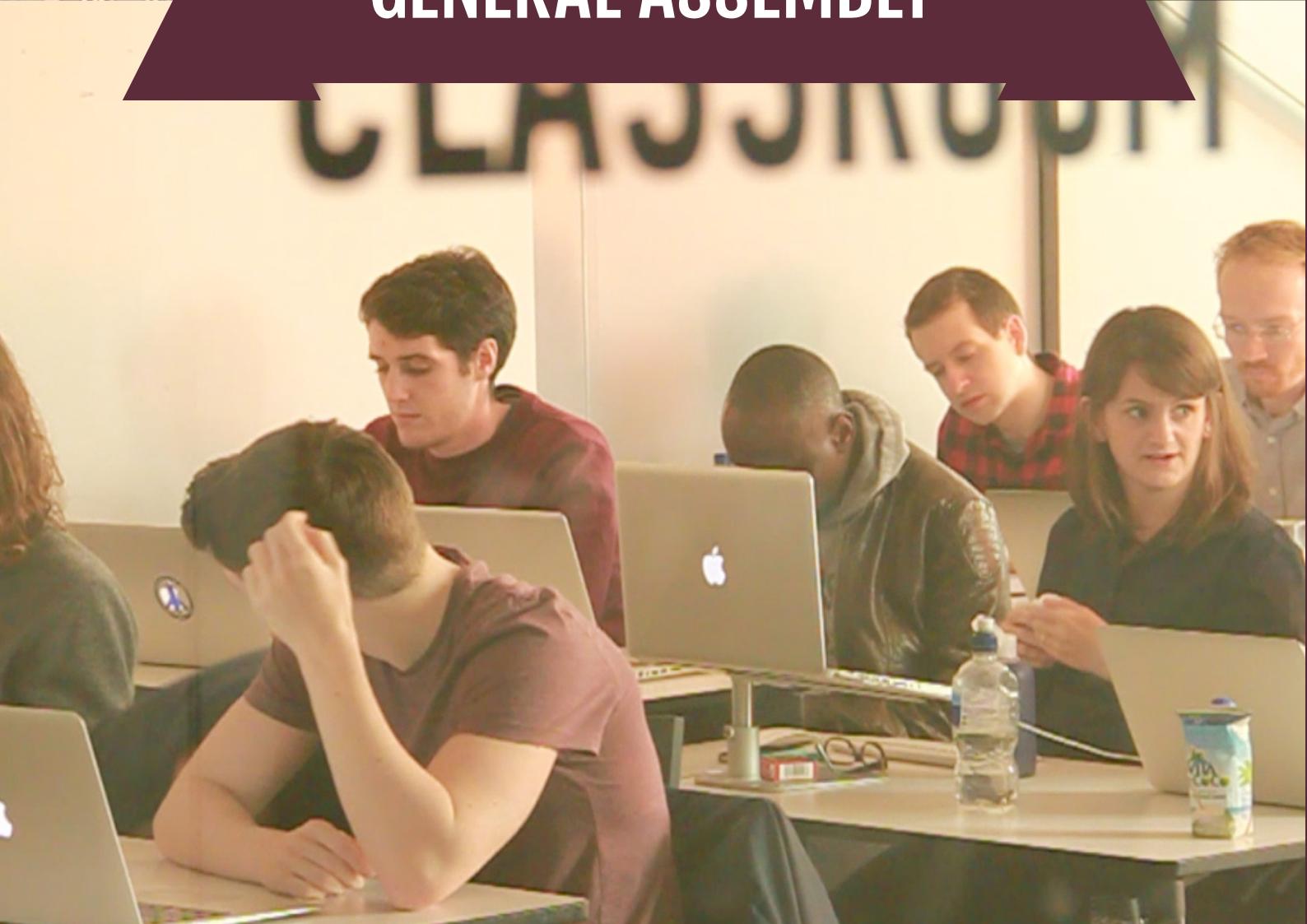
MABEL LAZZARIN

Vinda de cidade pequena, mas com alma nômade. Acredito que é importante existir uma variedade de modelos e momentos de aprendizado. Durante a universidade, aprendi a me colocar no papel de protagonista e criar com meus amigos nossos próprios espaços informais de troca de conhecimento. Embarquei na Expedição após uma grande mudança de vida, o que me fez mergulhar ainda mais nos questionamentos de cada escola. Como resultado, fiz o curso de imersão em UX Design na General Assembly e acabei de começar um mestrado na Hyper Island em Manchester. Você pode ver um pouco mais do que já fiz em: www.mabel.ml

GENERAL ASSEMBLY	08
HYPER ISLAND	12
THE SCHOOL OF LIFE	16
TRADE SCHOOL	20
TEAM ACADEMY	24
STUDIO SCHOOL	28
KAOSPILOT	34
BROCKWOOD SCHOOL	40
SCHUMACHER COLLEGE	46
AGRADECIMENTOS	52



GENERAL ASSEMBLY



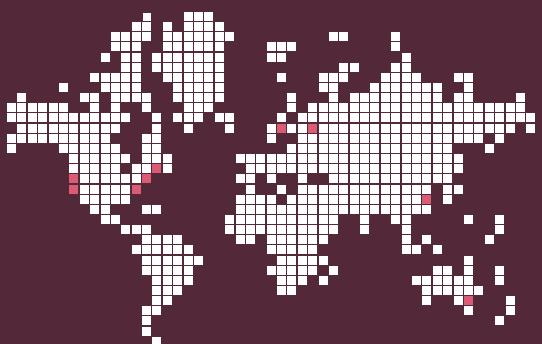
GENERAL ASSEMBLY



PALAVRAS-CHAVE

TECNOLOGIA
DESIGN
NEGÓCIOS

ONDE?



Nova Iorque
Boston
Washington D.C.
Los Angeles
San Francisco

Londres
Berlin
Hong Kong
Sydney

QUANDO COMEÇOU?
Em 2011, em Nova Iorque.

A General Assembly foi onde começamos nossa expedição. Visitamos a unidade de Londres, um espaço super enxuto, que fica no alto de um edifício estreito. A primeira escola foi criada em Nova Iorque, no início de 2011, basicamente como um espaço de inovação para empreendedores e startups. A origem dela está ligada aos espaços de co-working: observando que as pessoas que trabalham nesses espaços acabavam aprendendo umas com as outras, e observando que o que elas trocavam ali é justamente um tipo de conhecimento que raramente é ensinado durante a formação dos profissionais, os fundadores da General Assembly viram uma oportunidade: oferecer exatamente esse tipo de conhecimento, as competências necessárias para o século XXI, como descreveu Gordon Macrae, que nos recebeu em Londres.

Hoje, a escola possui unidades espalhadas em 9 cidades, em 5 países diferentes (Berlin, Boston, Hong Kong, Londres, Los Angeles, Nova Iorque, São Francisco, Sydney e Washington D.C.), além de uma plataforma de cursos online, oferecendo vídeos com muito conteúdo e linguagem simples.

O foco da General Assembly é o tripé tecnologia, design e negócios. Eles veem essas competências como as mais relevantes para uma educação que “transforma pensadores em criadores” (como eles dizem no site), que prepara as pessoas para as oportunidades profissionais que estão aí. Como nos contou Géraud Mathe, se existem “apenas” 2 mil vagas de emprego disponíveis, a General Assembly vê isso como uma oportunidade, e não como um problema – e prepara seus alunos para abraçar essas 2 mil oportunidades. Géraud, por sinal, começou a carreira como auto-didata e depois de fazer alguns cursos na General Assembly. Hoje além de desenvolvedor web, ele é professor na escola.

Com workshops (temas variados) e cursos (tópicos específicos) eles abrangem diferentes áreas, como desenvolvimento para web, design,



Nossa conversa com o Gordon Macrae

comunicação, experiência do usuário e marketing digital. Esse repertório é aplicado às necessidades de projetos reais, ao melhor estilo “aprender fazendo”.

O perfil dos alunos que procuram a escola normalmente inclui jovens recém-formados, pessoas que já trabalham na área e querem se atualizar ou abrir seu próprio negócio. Ou, ainda, pessoas que vêm de áreas totalmente diferentes e querem mudar suas carreiras. Falamos com alguns alunos de lá e foi marcante ouvir gente formada pelas melhores universidades da Inglaterra e que estava buscando a General Assembly porque a formação acadêmica não lhes deu um conhecimento que eles podiam “aplicar no mundo real”, não lhes deu base para passar da teoria para a prática. A General Assembly apostava no outro extremo, na pegada mão na massa: qualquer um pode chegar lá sem saber nada de programação e em três meses vai conseguir, se essa for a sua escolha, programar um aplicativo web.

Por exemplo, ouvimos do Sharif Zu’bi que “hoje, qualquer um pode ter um diploma”, mas que ele sentia falta de saber mais sobre a parte tecnológica para poder criar seu próprio negócio. Ele tem mestrado em empreendedorismo tecnológico, pela UCL (University College of London), e era aluno

da General Assembly na época da nossa visita. E se grande parte da General Assembly é voltada para web e para o digital, conhecemos também outro estudante, o Adebamigbe Fasanmade, formado em ciência da computação, com mestrado em engenharia de software. Ele foi buscar na General Assembly justamente uma experiência mais prática – é legal ver que lá ele foi ter aula com alguém que aprendeu a programar sozinho, que mesmo sem uma formação acadêmica tradicional construiu sua própria carreira e, depois de alguns meses de curso na General Assembly, hoje é professor lá – justamente o Géraud, de quem já falamos. Adebamigbe ainda nos deu o melhor exemplo do quão mão na massa é a General Assembly: a



A porta número 9 é a entrada da GA Londres

ideia é sair do zero e depois de uns 2 ou 3 meses se sentir capaz de programar aplicações tão complexas quanto um Facebook ou Twitter.

Nessa comparação com universidades, a General Assembly surge como uma opção mais dinâmica (cursos imersivos de 8 a 14 semanas; para efeito de comparação, a graduação tradicional na Inglaterra dura, em média, 3 anos). Ainda, com essa estrutura enxuta, eles podem se valer de mais uma estratégia para melhor preparar os alunos para o mercado: nada de professores “de carreira”, por lá. Quem dá aula vem direto do mercado de trabalho, cumpre um contrato curto, de alguns meses, e depois retorna ao mercado de trabalho.

Não há professores permanentes com cadeira cativa. Assim, o conteúdo discutido está em constante renovação e diálogo com o mercado.

Outro ponto importante é a força da comunidade que surge em torno da General Assembly – e muitos fatores contribuem para que essa rede continue forte e em expansão: alunos que possuem interesses em comum, professores que possuem ligações com empresas da área, parceiros de peso (como Google, Microsoft e McKinsey), e a própria estrutura da escola, espalhada em grandes centros e oferecendo cursos de curta duração. Tudo isso faz com que o número de oportunidades para quem passa por lá seja enorme, todos encontram portas abertas quando terminam seus cursos.

A unidade que visitamos é localizada em uma região central e descolada da cidade. O fato da sede ser em Londres atrai muitos estudantes de outros países que procuram oportunidades de emprego, principalmente como programadores. Como o Gordon nos contou, nos cursos em período integral, quase metade dos alunos (ele chutou 40%) é de fora da Inglaterra; já nos cursos noturnos, o mais comum é encontrar pessoas que têm seus trabalhos em Londres (normalmente ingleses), mas estão buscando algum tipo de mudança ou atualização.

COMO FUNCIONA?



PENSADORES VIRAM CRIADORES

A General Assembly tem uma abordagem mão na massa, vai direto ao ponto e proporciona aos seus estudantes o saber fazer.



IMERSÃO E PRÁTICA

Cursos, workshops, programas imersivos e educação à distância, práticos e de curta duração, nas áreas de tecnologia, negócios e design, com profissionais experts.



COMUNIDADE

Forma uma comunidade de indivíduos empoderados para buscar o trabalho que amam e para gerar oportunidades em empresas ou em novos negócios.



HABILIDADES MAIS RELEVANTES

Os alunos desenvolvem habilidades para a economia do século XXI, para avançarem em seus projetos independentes, serem promovidos ou mudarem de carreira.

12

semanas é o tempo médio de duração dos programas intensivos.

175

pessoas fazem parte do time permanente da escola.

2355

cursos, workshops e eventos realizados no ano de 2013.

5300

alunos formados nos cursos e programas imersivos.

96%

dos estudantes que fizeram os programas imersivos, conseguiram emprego em menos de 3 meses após formados.

PRINCIPLES of Creativity

ASK THE
RIGHT QUESTIONS

QUANTITY
a condition for
QUALITY

DO NOT
JUDGE
Ideas

Build On Eachothers
Ideas By Saying YES AND

EMPTY YOUR
BRAIN

APPROVE
OR

THINK BIG
IN THAT WAY YOU GET
further



HYPER ISLAND

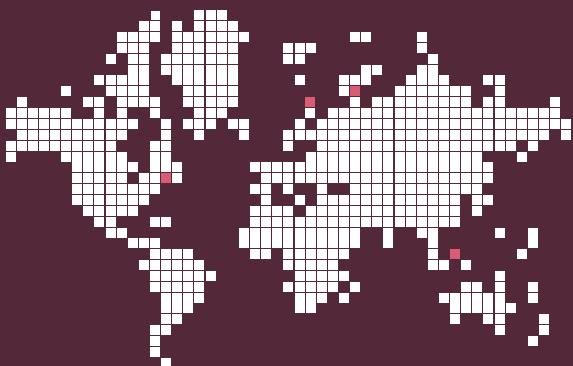




PALAVRAS-CHAVE

CRIATIVIDADE
TECNOLOGIA
NEGÓCIOS

ONDE?



Karlskrona
Estocolmo
Nova Iorque

Manchester
Singapura

QUANDO COMEÇOU?

Em 1994, em Karlskrona na Suécia.

Conhecemos a Hyper Island através de uma longa conversa com o Jim Ralley, uma das pessoas envolvidas fortemente com o projeto da escola. Ele havia saído de Manchester, onde fica a Hyper Island da Inglaterra, e estava a caminho de Singapura, onde eles estavam inaugurando mais uma Hyper Island e um novo curso. O encontro aconteceu no reduto ciclista Look Mom No Hands!, em Londres, e tomamos alguns cafés e cervejas artesanais enquanto conversávamos.

Para entender o que é a Hyper Island, o Jim contou um pouco da história dela: "tudo começou, como toda boa história começa, com três caras em um bar". Isso foi na Suécia, em meados dos anos 90. Eles tinham um projeto de CD-ROM para fazer. Um dos caras era da área de tecnologia, outro, da área criativa, e o terceiro, da área de negócios. E viram que tinha algo errado: o mercado (no caso, o projeto de CD-ROM) exigia que essas três áreas interagissem intensamente, mas na prática era muito difícil fazer essas três áreas conversarem. É com essa pegada, então, que começa a Hyper Island, com a ideia de ser um espaço de formação para pessoas que querem transitar por várias áreas que a educação mais tradicional estava insistindo em separar. Uma escola dinâmica, que se atualiza com a velocidade do mercado e do mundo.

Assim, ao invés de ter como base o ambiente acadêmico, a Hyper Island tem o foco nas necessidades reais e imediatas do mercado de trabalho e dos próprios alunos, criando um ambiente que também traz mais liberdade: eles ajustam a estrutura do programa de acordo com essas necessidades, não obedecendo um esquema tão rígido como nas universidades.

Essa filosofia, na prática, fica nítida com vários detalhes e exemplos que Jim nos contou. Primeiro, a experiência dos alunos é dividida entre momentos na Hyper Island e momentos de dentro de empresas. Como alguns alunos se mostravam mais interessados em criar o próprio negócio (ao invés de carreiras dentro de outras empresas), a escola passou a ter um foco em-

preendedor também. Ao invés de professores de carreira, a escola abriga experts do próprio mercado, que auxiliam os alunos de acordo com o tema trabalhado. Os temas trocam mais ou menos a cada mês, e a cada novo tema, um novo corpo de experts participa das discussões. Se o time da Hyper Island não tem a expertise de que precisam, eles buscam novas parcerias com empresas e profissionais. Nos meses finais, no que seria o trabalho de graduação, os alunos são supervisionados ou por orientadores de dentro da escola, ou por profissionais de empresas; mas isso não é um estágio, é um projeto baseado do mercado de trabalho, no qual os alunos têm que trabalhar com profissionais do mercado para resolver um problema que a empresa tenha, ou ainda propor um desafio, uma coisa nova dentro de alguma empresa.

Resumindo: A Hyper Island parte do pressuposto de que a educação tradicional não representa o mundo real, o mundo do trabalho “lá fora”. Então eles se guiam pelo próprio mercado para estruturar seus cursos, trazendo essas necessidades do mercado para as “aulas”.

O aprendizado, para a Hyper Island, acontece ao testar o ambiente de trabalho na escola, os alunos têm a oportunidade de refletir sobre o que foi testado – e esse é o lado acadêmico que eles defendem. Uma academia que, apesar de olhar e

botar as mãos em problemas do mundo “real”, ainda preserva um espaço para pensar em como foi essa experiência. Eles criam, assim, um ciclo de aprendizagem. O foco é no ciclo, é no experimentar e refletir. Acertar ou falhar não é tão importante quanto experimentar e refletir.

Essa abordagem dá ainda um lado muito humano para a escola. A forma como eles encaram o desenvolvimento humano, o desenvolvimento individual através desse ciclo é o que está na raiz da Hyper Island. Por um lado, essa abordagem cria um senso de comunidade, uma confiança grande entre o grupo, e acaba incentivando a liderança em grupos orgânicos a cada momento. Por outro lado, a Hyper Island nunca vai dizer ao aluno o que ele deve fazer, ela não dará as respostas; ela é mais um ano sabático do que uma

A ideia é simular o ambiente de trabalho dentro da própria escola, com experts e projetos reais. Onde os alunos além de escreverem artigos, fazem briefings e desenvolvem projetos.



Com Jim Ralley no Look Mum no Hands

universidade, um espaço que acolhe a pessoa, que acolhe os erros e os acertos para, assim, fazer com que o aluno aprenda. E isso, no fundo, é o que faz a diferença: ao invés de mudar o mundo, mudar a si mesmo através desse ciclo. Como Jim nos contou: “Tanto quanto aprender sobre o digital, negócios e tecnologia, é importante aprender sobre pessoas, como pessoas se comunicam; fundamentalmente entender quem você é, como você trabalha e como você reage às outras pessoas. Por que esse é a única coisa que eu posso controlar, como eu reajo a uma certa situação”.

Por fim, mudança é o que as pessoas que procuram a Hyper Island estão buscando. Seja uma mudança do analógico para o digital, ou até mesmo uma mudança de uma vida agitada para uma mais calma. E, uma vez lá, ninguém encontrará respostas prontas. Ao invés disso, o que o ambiente que eles criaram oferece é um espaço em branco para experimentar, errar (ou acertar, tanto faz) e aprender com isso.

A Hyper Island está em várias cidades. Começou em Karlskrona na Suécia e hoje existe também em Estocolmo, Manchester, Nova Iorque e Singapura. Já os alunos são de diversas nacionalidades (inclusive foi um brasileiro, formado pela Hyper Island de Manchester, que nos colocou em contato com o Jim Ralley – muito obrigado, Paulo!). As turmas são pequenas, normalmente entre 20 e 40 alunos.

Com essa rede de alunos e escolas em diversos países, a reputação da Hyper Island é grande (e, claro, positiva), ajudando muito na hora de conseguir as parcerias com o mercado de trabalho – o que só reforça ainda mais o modelo que eles criaram.

Essa é a Hyper Island, uma escola que traz as necessidades do mercado de trabalho para o momento de aprendizagem, criando um ambiente de reflexão, criando experiências que visam mudar o mundo começando pela mudança de si mesmo.

COMO FUNCIONA?



EXPERIMENTAR

BASEADOS NAS NECESSIDADES REAIS DO MERCADO

Para Hyper Island a educação tradicional não representa o mundo real, então ela recria o ambiente profissional dentro da escola. Inclusive os professores são experts ativos no mercado.

98%

dos estudantes encontram um emprego em menos de 6 meses de formados

20%

dos estudantes iniciam seus próprios negócios

CICLO QUE MUDA O MUNDO ATRAVÉS DA MUDANÇA DE SI MESMO



CREAR UM NOVO COMPORTAMENTO

QUE GERA UMA NOVA EXPERIÊNCIA

A reflexão acaba gerando novas posturas e novos comportamentos, que são testados com novas parceiras com empresas, com novos projetos voltados para o mundo real das empresas.



REFLETIR

SOBRE O QUE EXPERIMENTARAM

Após por a mão na massa, os alunos são estimulados a refletirem em conjunto sobre os acertos e, principalmente, os erros do projeto – o lado humano é muito valorizado nesse momento.

25%

dos estudantes trabalham em outros países após formados

400
estudantes em tempo integral



THE SCHOOL OF LIFE

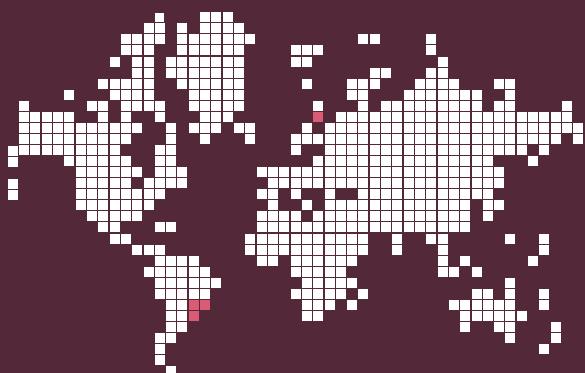


THE SCHOOL OF LIFE

PALAVRAS-CHAVE

COTIDIANO
EMOÇÕES
RELACIONAMENTOS

ONDE?



Londres

(mas tem eventos no Rio de Janeiro,
São Paulo, Porto Alegre)

QUANDO COMEÇOU?

Em 2008, em Londres.

Quem passa desavisado pela fachada da The School of Life acha que é só mais uma pequena loja situada numa área central de Londres. Na verdade, aquele é o ponto de encontro de diversos pensadores buscando inspirações para uma vida melhor, a escola da vida.

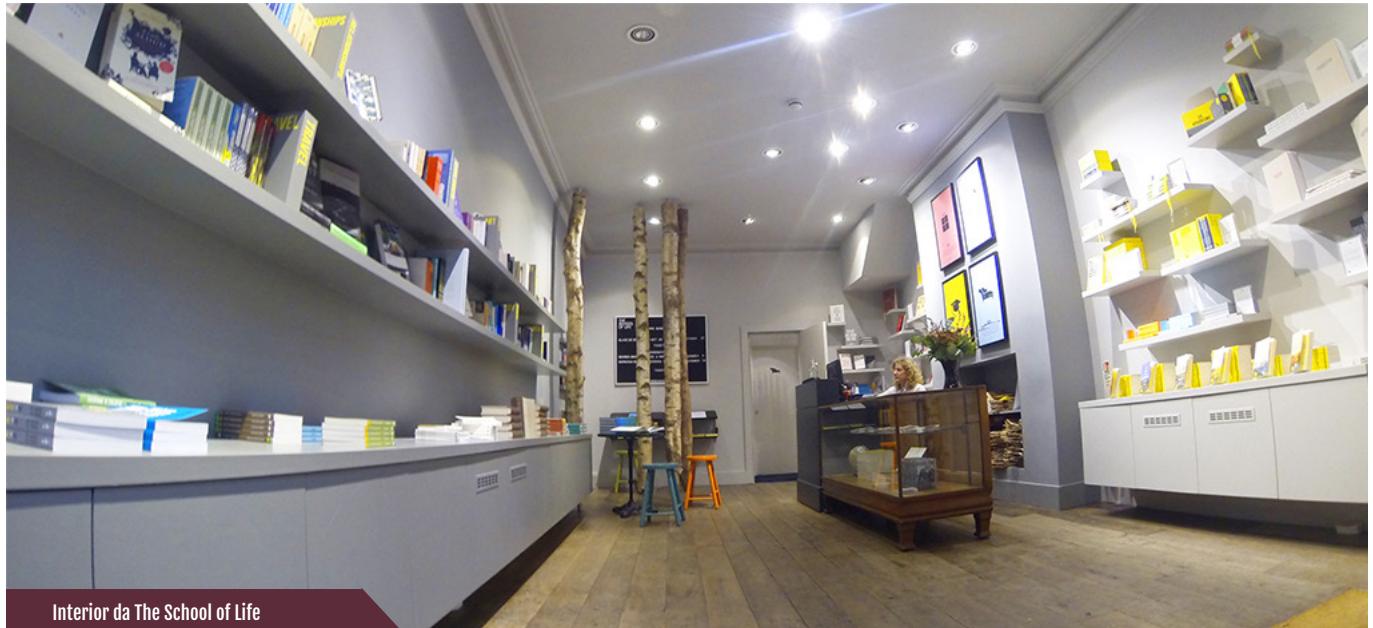
A The School of Life foi fundada em 2008 e tem como um dos seus idealizadores o filósofo e escritor Alain de Botton. Seu foco são questões fundamentais da vida humana, comuns a indivíduos de todas as idades e classes. Temas como relacionamento, como lidar com a morte, empatia e sexo são convites para atrair interessados a desenvolver sua inteligência emocional e refletir sobre suas escolhas através de novas experiências.

Durante a visita à escola falamos com Feiyi Wen, que estava na The School of Life para uma atividade chamada Compreendendo a depressão. Feiyi buscava formas de entender e lidar com suas próprias emoções e sentimentos, principalmente aqueles que parecem ser ignorados no seu dia a dia: “Eu acho que é uma situação muito comum para as pessoas que vivem nas cidades, pois todos nós temos pressões, todos nós temos que trabalhar e estudar, e às vezes acabamos ficando deprimidos. Então eu queria entender um pouco mais sobre isso: depressão”.

Os formatos que a The School of Life oferece ao público são diversificados: sermões seculares, tours pela cidade, cursos intensivos, aulas, workshops, terapia individual, biblioterapia, consultoria e treinamento para empresas, além



Feiyi Wen, conversando conosco antes de seu workshop sobre Depressão



Interior da The School of Life

da venda de livros e objetos. Todas as atividades encontram-se em um calendário de acesso on-line, explicando seus objetivos e apresentando a pessoa que vai conduzi-la.

Além da sede em Londres, a escola também está presente no Brasil, promovendo eventos nas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre. É só acompanhar o que rola no Brasil pelo Twitter e pelo canal de Facebook. Conversamos com Jackie de Botton, uma das responsáveis pela implementação da The School of Life no Brasil.

Segundo ela, os professores vêm de diferentes áreas (filósofos, artistas, executivos, engenheiros, para dar alguns exemplos), porém compartilham a ideia de que a vida, por si só, já é um aprendizado. Eles têm o papel de atuar como facilitadores, promovendo conversas, alimentando a discussão com pesquisas e experiências que trazem na bagagem. A ideia é promover a interação e fazer com que as pessoas já coloquem em prática o que aprenderam durante as atividades.

Outro fator importante que a Jackie atribui a essas atividades é a sensação de comunidade, o encontro de pessoas com as mesmas angústias e, a partir disso, o entendimento de que existem outras pessoas que se sentem como você. Essa

proximidade e abertura que os encontros oferecem, como a Jackie nos contou, estão alinhados com os principais objetivos da escola. Segundo ela, a The School of Life “te provoca, te estimula, te nutre e, muitas vezes, te consola em relação a essas questões da vida”.

A escola aborda as disciplinas relacionadas a dilemas do cotidiano de uma forma objetiva e energética, de acordo com uma metodologia desenvolvida nos últimos cinco anos.



Um refúgio na The School of Life que visitamos

Os Sermões Seculares, por exemplo, são encontros que sempre acontecem aos domingos. Eles são comandados por personalidades já reconhecidas em suas áreas, mas que nessa oportunidade estão presentes para compartilhar um ponto de vista sobre temas intimamente relacionados à complexidade da vida contemporânea. Essas personalidades partem de suas próprias experiências, para contar o que eles enxergam como princípios importantes da vida, dando ideias práticas de como pensar e agir de maneira diferente. Cada evento possui uma música popular que é escolhida como hino por estar relacionada ao tema a ser tratado, ajudando a descontrair e envolver o público.

Um exemplo que vocês podem acompanhar em vídeo no YouTube é o sermão inaugural em São Paulo, cujo tema foi Arrependimento. Nele, a Drª Ana Claudia Arantes, médica geriatra do Hospital Albert Einstein, parte do seu estudo sobre os principais arrependimentos dos seres humanos antes de morrer para oferecer a reflexão sobre a



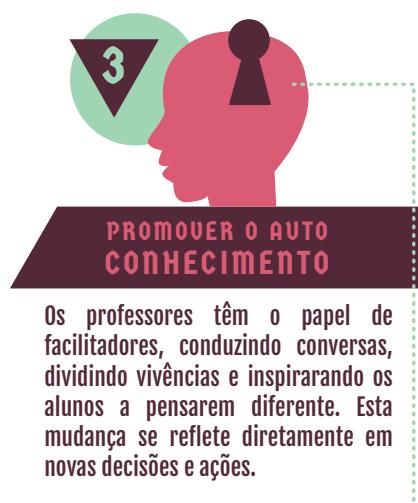
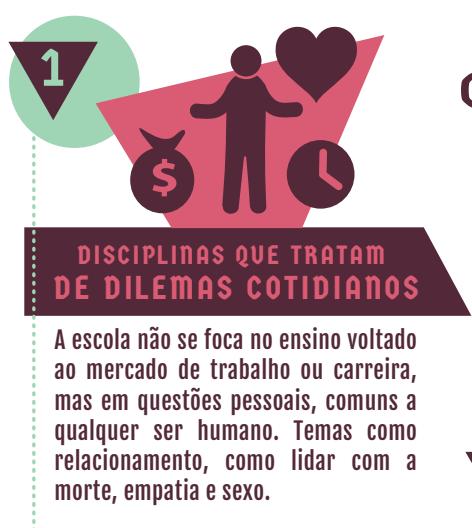
Jackie de Botton, uma das responsáveis pela The School of Life no Brasil

vida que a The School of Life busca. Para quem se interessar mais sobre os temas, foram lançados ano passado seis livros em português sobre debates promovidos pelos professores da escola, além de sermões na íntegra (em inglês) no canal da escola no Vimeo.

Em resumo, e nas palavras da Jackie: “A The School of Life é uma escola de boas ideias. E ela lida com questões como como você encontrar uma vocação, como você lidar melhor com relacionamentos, como você lidar melhor com a morte, como você se preocupar menos com o dinheiro, questões do dia a dia”.

COMO FUNCIONA?

A vida em si como objeto de aprendizado.



50 mil
participantes em
5 anos de atividades

20
livros publicados
pela escola

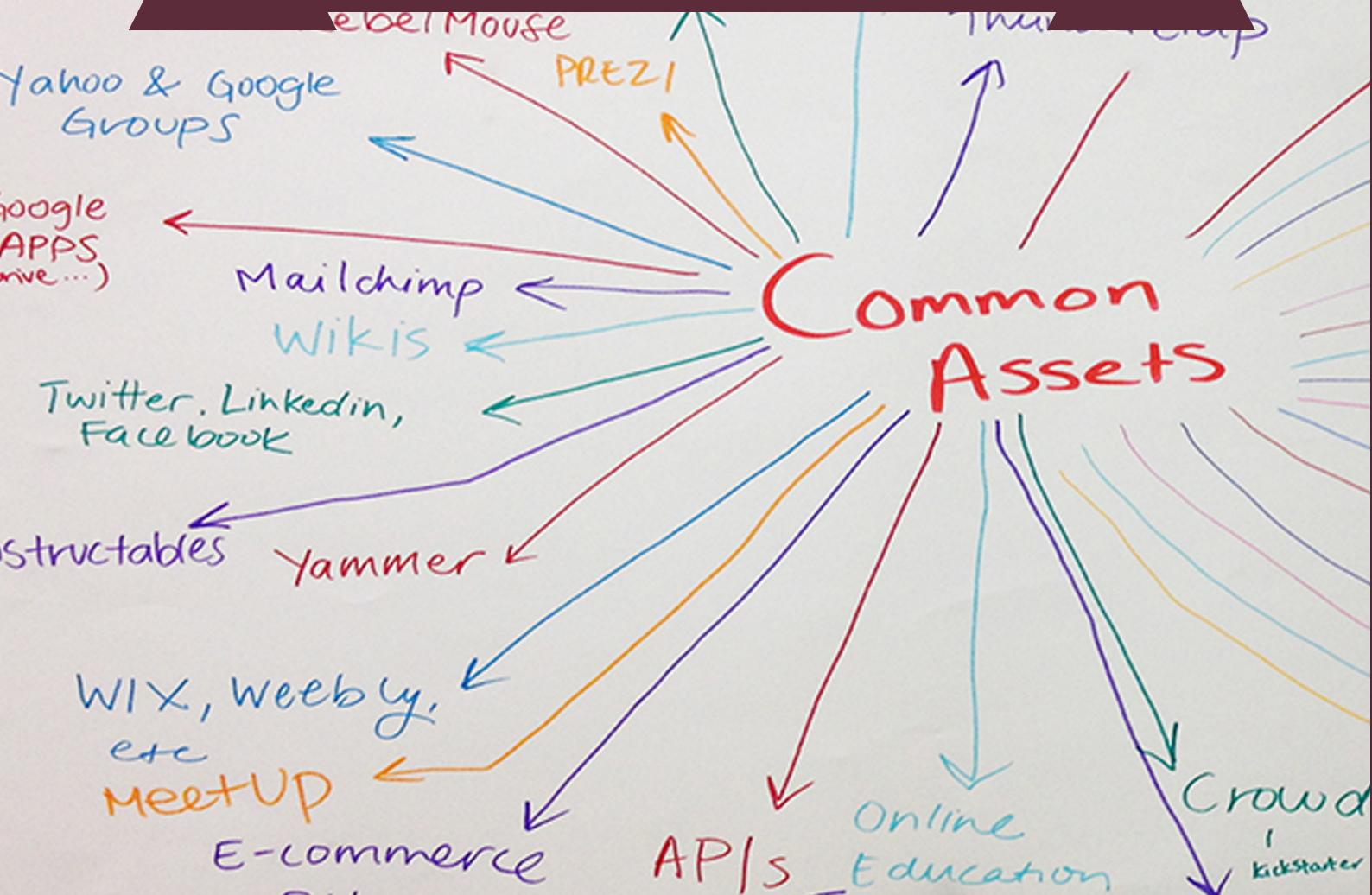
Os eventos da escola promovem encontros de pessoas que dividem os mesmos dilemas, o que faz com que elas reconheçam no outro seus próprios sentimentos, tornando este ambiente um local aberto à aceitação.

48
cursos oferecidos
nos próximos 3 meses

86
pessoas fazem
parte da equipe



TRADE SCHOOL

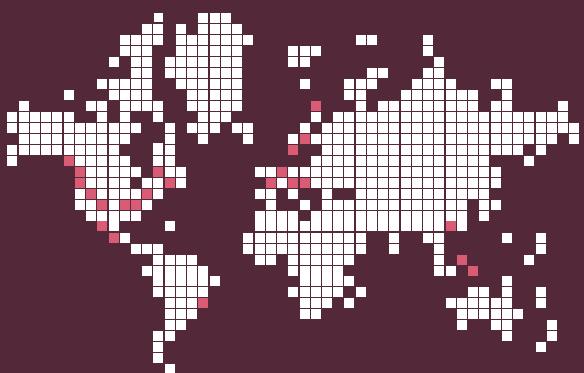


TRADE SCHOOL

PALAVRAS-CHAVE

TROCAS
COOPERAÇÃO
APRENDIZADO

ONDE?



Eventos realizados em 50 cidades.

QUANDO COMEÇOU?

Em 2009, em Nova Iorque.

Para conhecermos a Trade School, fizemos nossa aproximação da forma mais simples possível: entramos no site da escola, vimos que nos dias em que estariámos em Londres eles teriam algumas aulas por lá, pensamos no que poderíamos oferecer em troca da nossa participação nas aulas... e pronto, viramos alunos da Trade School por dois dias. E, em resumo, essa é a ideia da escola: na Trade School alguém propõe uma atividade e os interessados em participar contribuem – não com dinheiro, mas com coisas de que a atividade (ou seu proponente) precise. A educação acontece pela troca, sem envolver valores monetários.

No nosso caso, oferecemos fotos que as pessoas que estavam organizando a atividade pudessem utilizar em seus sites, redes sociais e material de divulgação. Outros alunos levaram lanches e bebidas, cada um ajudando de alguma forma. Assim, participamos de duas aulas: “Facilitando o consenso” e Remapeando a cidade”. Além disso, ainda marcamos de conversar com a Laura Billings, que foi quem levou a Trade School para Londres.

O papo com a Laura foi fundamental, pois ela nos contou que as atividades das quais a gente tinha participado não eram tão características da Trade School. Nada contra as atividades em si ou as pessoas que estavam organizando-as. Mas a questão é que sentimos falta de algo... e esse algo, descobrimos, é o que a Laura normalmente faz questão de fazer nos eventos mais característicos da escola. Segundo ela, é importante que, ao se organizar um evento da Trade School, alguém esteja lá para falar como a escola funciona, apresentar quem vai tocar a atividade e ter certeza de que tudo está em ordem. Isso não ocorreu conosco, pois nossas aulas também faziam parte de um festival maior, e já tinha gente do festival e do local fazendo o papel de anfitrião. Então, perdemos essa introdução que daria cara de Trade School às atividades.



Workshop Remapeando a cidade

E, no fundo, isso diz muito sobre a Trade School. É mais uma plataforma do que uma escola: não tem um prédio, salas de aula, professores, ou cursos. Essa abertura faz com que qualquer pessoa possa usar o site para criar e promover espaços de aprendizado na sua cidade. O lado incrível disso é que encontros pela Trade School já aconteceram em 50 cidades diferentes ao redor do mundo. Já a parte ruim é que em algumas cidades a iniciativa acaba após o primeiro evento. Laura nos conta que ela (e quem mais resolve se juntar na organização da Trade School em Londres) acabou se viciando: ao fazer esses espaços acontecerem, ela adora aprender sobre os mais variados temas e conhecer novas pessoas. E, nela, tocar a Trade School só alimenta essas paixões.

Isso tudo começou em Nova Iorque, quando um grupo de pessoas buscava formas mais eficientes de compartilhar os recursos que eles mesmos tinham em mãos. Surgiu daí a ideia da Trade School, um espaço de aprendizado auto-organizado onde qualquer um pode ensinar qualquer coisa. E, em troca, recebe o que escolher pedir para as pessoas interessadas em participar da atividade.

A Trade School acredita que todo mundo tem algo a ensinar: as pessoas podem não saber que têm, mas a Laura nos disse que é só perguntar para alguém “e aí, o que você poderia

compartilhar com a gente?” e a pessoa começa a considerar a possibilidade. Além disso, ela fala que não é difícil achar professores. Sempre aparece gente querendo compartilhar algo. Na verdade, essa ideia é mais profunda. A base dela está em um amor muito sincero pelo que cada um sabe, pelo o que cada um escolhe se dedicar. E, a partir desse amor por um certo tema, por uma área, por uma técnica, a vontade de compartilhar essa paixão com outras pessoas é mais espontânea. Assim, a Trade School tenta tornar essa experiência real para o maior número de pessoas possível.

Uma das coisas mais interessante que a Laura nos contou é que quem participa como aluno normalmente retorna querendo ensinar alguma coisa: uma vez lá, as pessoas percebem que a experiência não é intimidadora e acabam se empolgando para ensinar ou compartilhar alguma coisa na próxima oportunidade. Ao ver como diferentes aulas funcionam, as pessoas ganham um repertório que ajuda a montar sua própria aula. Quem ainda está inseguro se motiva, se tranquiliza – e isso mantém o modelo simples da Trade School.

Além disso, a participação em aulas da Trade School tem um impacto mais amplo. O movimento ainda tem como objetivo mudar a visão que as pessoas têm sobre educação. Para isso, a ideia é justamente explorar formas diferentes de

aprender, não só em salas de aula, mas em cafés, festivais etc. Aprender compartilhando o que elas sabem, o que elas gostam, o que elas têm a mão, sem envolver dinheiro. Aprender em um modelo horizontal, sem hierarquia, onde a condição de professor ou aluno é temporária, fluída, quase uma casualidade (e não uma posição hierárquica).

Esses valores, segundo a Laura, ajudam a construir uma visão mais aberta sobre educação. Para ela, a generosidade e o princípio de cooperatividade da Trade School são fundamentais. E, colocados em prática, resultam na troca de habilidades e recursos, na sensação de que qualquer um pode começar uma Trade School.

Por sinal, ela nos contou que só existem duas restrições caso você queira iniciar uma Trade School na sua cidade, ou propor alguma atividade na plataforma: você não pode usar a Trade School para

fazer campanha (não aos movimentos políticos ou partidários), e você não pode usá-la para vender (não ao marketing). Essa abertura, ainda, dá ao modelo uma outra vantagem: uma infinidade de temas e assuntos sendo ensinados, de discussões cívicas, até como fazer compostagem. Tudo só depende da imaginação das pessoas que topam compartilhar suas paixões em forma de aulas na plataforma. Laura resume a provocação que a escola faz ao partir da ideia de colaboração para propôr uma nova forma de educação:

“A Trade School te ajuda a reencontrar o amor por aprender, de uma forma diferente. Você vem à Trade School, você aproveita, você percebe que você tem algo a ensinar, e isso te dá confiança.”

COMO FUNCIONA?



TODOS TEM ALGO A ENSINAR

Todo mundo tem amor pelas coisas que escolhe se aprofundar. Com base nele, qualquer um pode compartilhar o que sabe sobre um tema ou prática.



TROCAS NÃO MONETÁRIAS

Quem quer aprender se compromete a oferecer algo de uma lista pré-determinada pelo anfitrião. Pode ser um levar um material, tirar fotos ou contar uma história. Mas dinheiro não entra na Trade School.

950
atividades realizadas



CULTURA DE COMPARTILHAR

VARIEDADE

Os temas explorados são sempre diversos, pois não há um programa fixo, há a paixão das pessoas motivando as aulas.

SIMPLICIDADE

Ao ver o quanto simples é ensinar e compartilhar o que gosta, os alunos se motivam a tornarem-se novos professores da Trade School.

RESIGNIFICAR

O processo de trazer novos significados para o tema educação elimina formalidades e mostra o quanto espontâneo pode ser aprender.

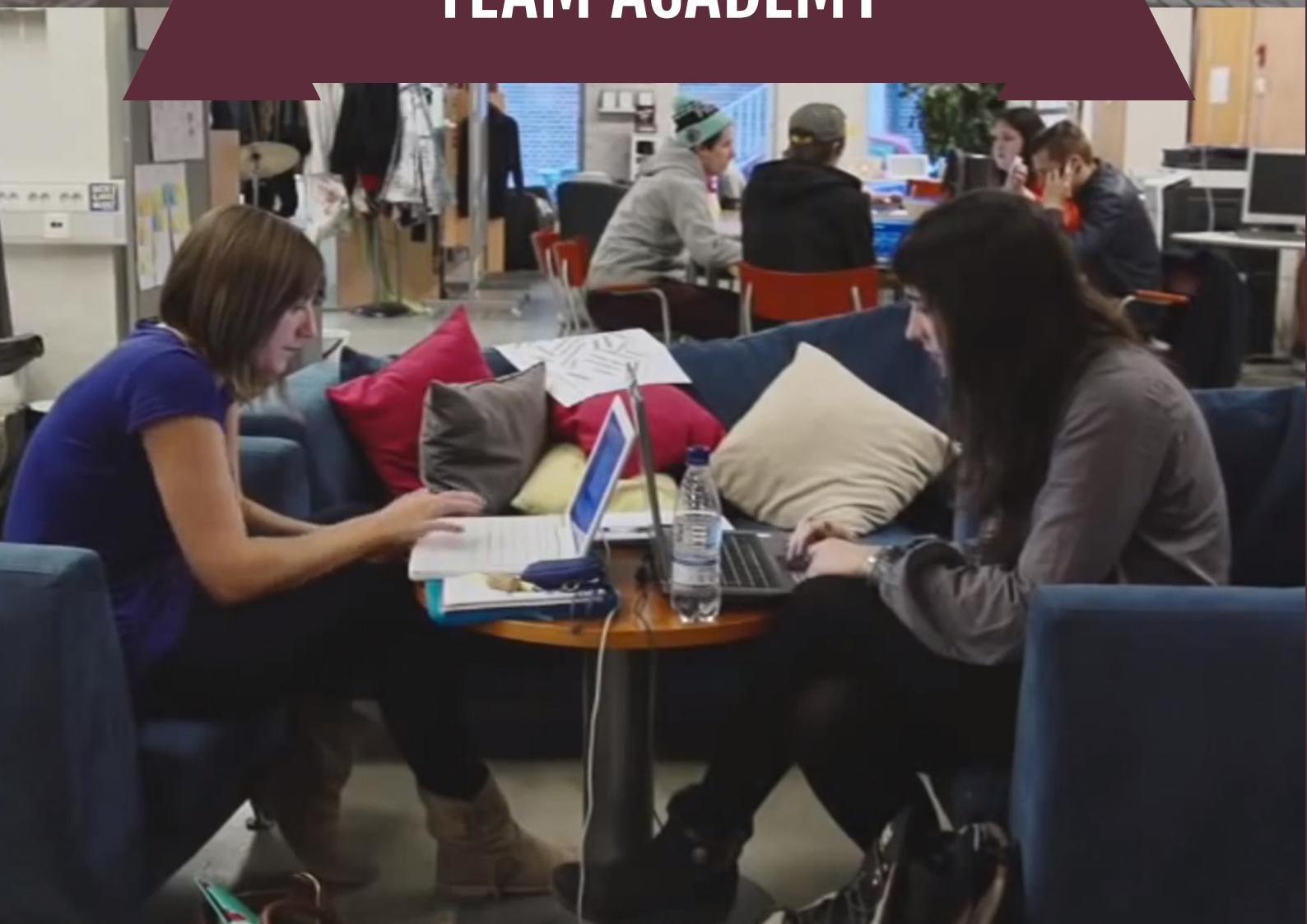
12500
participantes em 3 anos de atividades

380
pessoas foram professores da Trade School em 2013

1982
trocas efetuadas em eventos da Trade School em 2013



TEAM ACADEMY





PALAVRAS-CHAVE

EQUIPE
EMPREENDEDOR
REDE

ONDE?



Finlândia
Brasil
Inglaterra

França
Espanha
Hungria

Holanda
Austrália

QUANDO COMEÇOU?

Em 1993, em Jyväskylä na Finlândia.

A Team Academy estava dando seus primeiros passos em Londres quando conversamos com a Alison. A Team Academy é uma iniciativa finlandesa, e foi a finlandesa Henna que, ao saber da Expedição Liberdade, se empolgou com nossos planos e sugeriu que incluíssemos a Team Academy no nosso roteiro. Enquanto Hennah implementava a Team Academy no Brasil, a Alison fazia o mesmo na Inglaterra, onde o programa tinha começado há apenas 6 semanas (em Bristol e em Newcastle).

A Alison estava trabalhando para iniciar a Team Academy na terra da rainha fazia três anos. Isso se explica, pois, ao contrário de outras instituições que conhecemos, a Team Academy não opera sozinha. Eles trabalham em parcerias com universidades já estabelecidas, oferecendo seu formato deles ligado a cursos de graduação em universidades. O desafio inicial era enfrentar uma barreira que ela via na forma das universidades do Reino Unido se posicionarem: "As universidades aqui não estão acostumadas a colaborar. Elas são muito isoladas na forma como planejam o próprio futuro; só pensam nelas mesmas e consideram as outras universidades como concorrentes".

Para piorar, Alison ainda disse que a cultura inglesa é, em si, fechada. Foi difícil convencer as universidades de que algo que deu certo na Finlândia daria certo no Reino Unido. Mesmo assim, as parcerias começaram e o plano é conseguir 10 universidades em 10 anos para oferecer o modelo Team Academy pelo Reino Unido.

Mas afinal, o que é a Team Academy? Resumindo, ao invés de os alunos aprenderem algo para depois terem que descobrir o que podem fazer com esse conhecimento, a proposta é que as pessoas aprendam a partir da necessidade de fazer algo. A ideia é que a experiência aliada à prática vivenciada em grupo faça a pessoa amadurecer tanto individualmente quanto como ser humano. Assim, os empreendedores – como eles se referem aos alunos – formam equipes de 15 a 18 pessoas logo no início da graduação, mesclando diferentes competências individuais. Cada equipe tem a tarefa de criar uma organização



Alison Fletcher, uma das responsáveis pela Team Academy na Inglaterra

comercial, normalmente uma cooperativa, e tocar essa instituição durante os três anos de universidade (tempo médio da graduação no Reino Unido). A ideia é criar alternativas ao modelo universitário tradicional: empreendedores em equipes, ao invés de estudantes; escritórios, ao invés de salas de aula; projetos reais, ao invés de aulas; facilitadores ao invés de professores. Seguindo essa estrutura, a cada semana as equipes conversam por duas horas. Falam sobre o que está acontecendo como time (como está a relação entre eles, quem está indo bem, quem está atrapalhando ou irritando os outros), sobre o que está acontecendo com a cooperativa e sobre o que estão aprendendo no processo todo.

Segundo Alison, esse modelo tem base em três pilares. Um é mais técnico e profissional, como contabilidade, marketing, legislação envolvendo a criação de empreendimentos etc. A segunda área é focada no comportamento da própria equipe: comunicação, colaboração e trabalho em equipe. Por fim, o mais importante segundo a Alison, é a parte de habilidades pessoais como empatia, otimismo, criatividade e resiliência – área praticamente ignorada no ensino superior tradicional, ela comenta. De acordo com as conversas frequentes dentro do grupo, e desse tripé, os empreendedores da Team Academy leem, conversam e refletem sobre os elementos chave do aprendizado que eles precisam para tocar a cooperativa que eles criaram.

Além disso, a Team Academy descarta a ideia do “empreendedor” como herói, agressivo, que já sabe o que fazer e onde ir. Como a Alison nos

explicou: “Ao invés de dizer, por exemplo, eu sou um designer gráfico, vou criar um escritório de design – e ficar imaginando quem poderia ser meu cliente – a equipe vai conversar com a comunidade, com as pessoas da vizinhança, com o comércio local e mesmo com as grandes corporações envolvidas nessa rede”. E perguntam “do que vocês precisam?”, “o que está faltando aqui?”, “o que eu posso fazer aqui?”. É com base nisso que criam suas organizações, suas cooperativas. Então, é menos sobre “o que eu faço” e mais sobre “o que é necessário”.

A formação da Team Academy, portanto, não é exatamente focada em empreendedores, mas sim em promover e enriquecer o processo de aprendizagem através da atividade de empreender.

Dessa forma, a Team Academy propõe que a atividade de empreender está na rede de pessoas conectadas, na colaboração livre entre pessoas que se alternam entre papéis de cooperação e competição ao longo dos empreendimentos e da vida. Como nos contou a Alison, a visão de futuro deles se afasta da ideia de que a maioria das pessoas trabalhará para grandes organizações e corporações: na verdade, a ideia é de que a maioria das pessoas vai tocar suas próprias vidas, tendo rendas de uma grande variedade de atividades diferentes. Nesse cenário, a rede de relacionamentos, bem como saber lidar com ela, é super importante: o conhecimento é construído socialmente. Para a Alison, mesmo se pessoas souberem de um mesmo assunto, elas sabem coisas diferentes sobre esse assunto. Então é importante construir o conhecimento em grupo e estabelecer relações e empreendimentos dentro dessa rede. Na essência, a Team Academy é uma comunidade de aprendizado construída com base no princípio de que se a teoria for aliada a atividades no mundo real, de que se você adquirir

essa teoria à medida em que você precise executar tarefas no mundo real, o aprendizado que você tem dessa teoria será muito mais fácil de se assimilar, de ser internalizado, de ser aplicado e de ser questionado criticamente.

A escola acredita na ideia think global, act local, e aposta nas formas efetivas de gerar atividade econômica localmente, que acabam impactando, de certa forma, também a configuração global. E isso, junto com o aprendizado em grupo, através da atividade de empreender, é o que dá o tom do processo que eles propõem.

Por fim, o perfil de quem atua como facilitador inclui pessoas que já tiveram seus próprios negócios ou projetos, pessoas que tiveram alguma formação acadêmica (mas não necessariamente pós-graduação), e pessoas que se envolvem ou são entusiastas de startups e novos negócios. A ideia é que eles atuem para otimizar as trocas entre as pessoas nas equipes, e não expondo conteúdo de uma forma didática. Ter aptidão para coaching, para gerar empatia, para ouvir, para dar suporte aos empreendedores em seus desafios é mais importante do que a didática em si.

Por falar em coaching, a Alison, além de estar envolvida na Team Academy, ainda trabalha como coach profissional. Sobre essas duas atividades, ela brinca: “se as pessoas que eu oriento no meu negócio de coaching tivessem tido esse tipo de educação [da Team Academy], eu não teria clientes, porque muitos dos desafios que eles enfrentam, esses jovens de 18, 19, 20 anos já aprenderam a lidar com isso no ambiente universitário”.

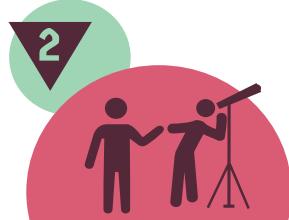
No nosso papo ainda surgiu um ponto interessante, que deixamos aqui para reflexão: ela comentou que foi procurada para ir à Argentina, para apresentar o modelo da Team Academy. Nós perguntamos se havia alguma relação de crises sociais e econômicas com essa busca por alternativas à educação, aos modelos de carreira e mercado. A resposta dela parece sustentar essa hipótese: quando a Team Academy surgiu, há mais ou menos 20 anos, a Finlândia, que tinha ótimas relações com a URSS, havia perdido a maioria de seus clientes da noite para o dia, com o fim do bloco soviético – e estava lidando com essa crise, buscando se reestruturar. Então, fica a hipótese e o caso da Team Academy apontando para uma resposta aparentemente afirmativa.

COMO FUNCIONA?



PROJETOS REAIS

O aprendizado se dá na prática no mundo real. Equipes criam uma instituição real que tem que ser manter durante os 3 anos de graduação.



FACILITADORES

Ao invés de professores transmitindo conteúdo, facilitadores para orientar os empreendedores e estimular a reflexão de acordo com o projeto e o dia a dia da equipe.



EMPREENDEDOR DA PRÓPRIA VIDA

Profissional preparado para encarar desafios reais, agir colaborativamente e se envolver em diversas iniciativas, não ficando dependente de uma área ou emprego específico.



THINK GLOBAL ACT LOCAL

Formação que prepara para pensar e executar projetos ligados a realidade socio econômica local, melhor conectando o profissional a sociedade.

15 a 18
pessoas de diferentes competências compõem as equipes no início da graduação

800
facilitadores já foram treinados pelo método da Team Academy

91%
dos estudantes conseguem um emprego até 6 meses após formados

47%
dos alunos se tornam empreendedores após 2 anos de formados

2 milhões
de euros movimentados em um ano pelo conjunto de escolas Team Academy



STUDIO SCHOOL



STUDIO SCHOOLS TRUST

PALAVRAS-CHAVE

TECNOLOGIA
PROJETOS
HABILIDADES

ONDE?



38 escolas na Inglaterra.

QUANDO COMEÇOU?

Em 2010.

Na nossa Expedição conhecemos uma Studio School, foi a TESS (Tendring Enterprise Studio School), na pequena cidade de Clacton-on-Sea. A região, além de rural, é uma das mais pobres da Inglaterra. Muitas casas não têm coisas que são consideradas básicas para o padrão de vida inglês, como calefação, banda larga e sistema de gás encanado. Muitas famílias vivem há gerações apenas de benefícios do governo. E é nesse contexto socioeconômico pouco favorável que a escola tenta criar oportunidades: "Essa é uma região muito pobre. Um dos distritos mais pobres da Inglaterra. Você tem muitas pessoas aqui que são da segunda ou terceira geração desempregada. E esse é o foco do nosso empreendimento: ensinar habilidades para que nossos estudantes consigam realmente criar seus próprios negócios. Em uma região de desemprego, eles não vão sair e encontrar empregos. Então é importante ter alguém que ao invés de falar 'vá tentar um emprego com fulano' fale 'crie sua empresa, vá lá e crie o seu emprego'". – Ian Pearson, diretor da TESS

A aprendizagem baseada em projeto (project-based learning, em inglês) é o que norteia a atuação da escola que funciona em Clacton há 2 anos. A faixa etária dos estudantes é de 11 a 16 anos, o que equivale ao ensino secundário no Reino Unido. Ao todo, são trinta e oito Studio Schools na Inglaterra, todas elas pequenas, comportando no máximo 300 estudantes. As turmas também são pequenas, nunca passando de 15 estudantes. Essas dimensões reduzidas fazem parte da proposta da escola: com turmas menores, é mais fácil conhecer a fundo as competências e habilidades, acompanhar as experiências e o desempenho de cada aluno. Finalmente, se conhecendo melhor, surgem oportunidades mais coerentes e mais consistentes para criar projetos reais, que atendam aos interesses da comunidade local, que sejam interessantes para os estudantes e, por fim, projetos que deem suporte ao currículo escolar. Esses projetos configuram a base conceitual da escola e podem ser propostos por professores, por outros funcionários e, claro, diretamente por estudantes – mas, como destaca

Ian Pearson, diretor da TESS que atenciosamente nos apresentou toda a escola, não é só propor: os estudantes precisam botar a mão na massa, caso contrário, os projetos não acontecem.

Infra-estrutura

A escola funciona em um prédio construído recentemente, mas que já foi reformado para abrigar a iniciativa. Com essa reforma o local ganhou um visual e uma infraestrutura de empresas modernas, tecnológicas: “Como estamos fazendo aprendizagem baseada em projeto, queríamos salas que acomodassem aprendizagem baseada em projetos. Então elas não podiam parecer salas de aula. Logo não contratamos um arquiteto especializado em escolas, contratamos um arquiteto especializado em boates. Queríamos algo diferente... o que foi pedido foram espaços criativos, espaços inspiradores, coisas como os escritórios do Google, da Apple, da Pixar, espaços realmente criativos”
– Ian Pearson, diretor da TESS.

A parte tecnológica não deixa a desejar: computadores, roteadores e servidores da Apple, além de muitos iPads, estão por todos os lados, à disposição de estudantes e professores. Toda sala de aula é equipada com uma TV gigante e uma Apple TV, assim estudantes e professores podem espelhar as telas de seus computadores e gadgets para compartilhar com a turma o que estiver fazendo. Além disso, a escola ainda conta com oficina mecânica, marcenaria, impressora 3D, máquina de corte a laser e até uma cozinha industrial. Tudo para equipar estudantes e projetos. A aparência é mesmo de uma pequena empresa: salas pequenas e bem equipadas, sem aquela galera e aquele buxixo característicos de escolas de ensino fundamental e médio.

Sempre abertos a novos projetos

Mas – na prática – como surgem esses projetos? O Ian nos contou que uma aluna havia perdido seu irmão menor, vítima da síndrome de morte súbita infantil. Ela havia expressado através de um tuíte, sua vontade de fazer um evento de



Fresh and Fruity: um dos projetos de economia local

caridade com relação a essa síndrome e, claro, pensando em homenagear o irmão. No entanto, dizia ela no tuíte, ela não sabia muito bem por onde começar. Prontamente Ian respondeu, pelo Twitter mesmo: “é claro que você pode fazer esse evento, pois esse é o tipo de coisa que fazemos aqui na TESS”. No dia seguinte eles conversaram, formaram um grupo e começaram a se mobilizar para que a aluna tivesse o suporte e adquirisse as habilidades necessárias para fazer esse evento acontecer. Isso tudo aconteceu na semana que antecedeu nossa visita.

Antes de voltarmos aos projetos, vale destacar que tanto estudantes quanto professores têm contas no Twitter e as usam para se manter em contato no dia a dia. Não é obrigatório, mas muitos usam. Isso está alinhado com a filosofia da escola: todos são próximos e acessíveis, qualquer aluno pode falar (ou tuitar) direto com o diretor, com os professores, bem como com os colegas. O contato constante ajuda a serem próximos, a saber como vão os colegas, os professores etc.

Mas enfim, esse evento de caridade que viria acontecer um tempo depois é só mais um exemplo de como os projetos surgem na TESS e acabem envolvendo a comunidade ao seu redor. A Nadine McFadden, vice diretora, nos contou que o primeiro projeto que realmente empoderou estudantes na comunidade começou quase que por acaso. Uma professora de matemática resolveu que ao invés de ensinar conceitos básicos de geometria (retas, ângulos, área, volume etc.) na sala de aula tradicional, iriam

todos para a marcenaria construir caixas de madeira para plantar ervas. Perguntas simples como “quantas caixas conseguimos construir a partir dessa tábua?” estimulavam os estudantes a pensar na geometria, a resolver problemas que eram tangíveis em suas bancadas de marcenaria. Esses vasos viraram, de fato, produtos bem acabados, bonitos. Eles passaram a produzir e vender esses vasos internamente e nas feiras locais. Com a experiência das feiras locais, os clientes começaram a pediam vasos de diferentes tamanhos, casinhas de passarinhos e outros produtos. Hoje a produção desse projeto é vendida em 5 feiras diferentes, e eles aumentaram a gama de produtos... E tudo começou como um simples projeto que visava dar base ao currículo de matemática.

O dinheiro arrecadado em projetos como esse vai para a formatura das turmas, o que gera ainda outro impacto na comunidade: como muitos são de famílias que sofrem com as condições socioeconômicas da região, muitos não teriam condições financeira de realizar o sonho de uma formatura pomposa (tradição na Inglaterra).

Na área de matemática, vimos ainda uma aula de matemática funcional, matemática para a vida real, como explicou a professora: alguns garotos trabalhavam matemática aplicando-a a esportes olímpicos, e algumas garotas trabalhavam com cronogramas e gerenciamento financeiro que daria suporte a orientação vocacional que recebiam da escola. Elas se preparavam para ser cabeleireiras e tocar negócios na área de beleza, então a matemática teria que ajudá-las nessa empreitada.



Matemática funcional

Projetos e a comunidade

Existem outros projetos grandes como o das caixas de ervas. Um deles acontece com apoio da BT, maior empresa de telecomunicação do Reino Unido. Ele consiste em encontros onde os estudantes da escola ensinam o bê-a-bá de tecnologia para pessoas idosas da comunidade, coisas simples, como uso básico da internet, como utilizar um iPad, etc. O evento de inclusão digital é acompanhado de chás, biscoitos e bolos feitos pelos próprios estudantes.

A área de alimentação tem ainda mais alguns projetos: o Fresh and Fruity, por exemplo, tem como foco promover uma alimentação mais saudáveis nos lares da região. Os estudantes, sem financiamento algum, fizeram um estudo de campo para entender como eram os hábitos alimentares e as necessidades das famílias da região. A partir de então organizam caixas de frutas e legumes, tudo produzidos localmente, e as entregam nas residências que aderiram ao programa. O foco da escola é criar situações de contato com a comunidade local, com o mundo real. Para esse projeto eles não contavam com um veículo para fazer as entregas, mas um professor disponibilizou o seu próprio carro, de uso pessoal, para que o projeto fosse implementado. Por enquanto o foco do projeto não é ter lucro, mas apenas se manter. Eles consideram essa iniciativa importante pelo potencial de educação (ela acompanha certos elementos do currículo escolar e dá uma experiência profissional real), saúde (ela potencializa hábitos mais saudáveis na região) e oportunidades (emprega mão de obra local). A médio prazo a escola espera atrair algum investidor para que o projeto possa crescer.

Nas aulas que acontecem na cozinha industrial da TESS são preparados alimentos que são, mais tarde, servidos nas feiras e em restaurantes da região. “A comida que eles fazem aqui”, ressalta Ian, “é para ser servida para o público em um restaurante de verdade, então ela tem que ser de alta qualidade.”. Com isso o diretor defende que as atividades da escola estão diretamente



voltadas a um mundo real, tangível. Assim os estudantes conseguem adquirir habilidades que normalmente não são se aprende em escolas tradicionais: eles têm alguma experiência profissional, mas com a segurança do ambiente escolar; eles não só saem capacitados a procura de emprego, mas aptos a criar as próprias oportunidades. Eles aprendem sobre como empreender, como se qualificar para tocar a vida quando saírem de lá – e essas qualidades os tornam mais autônomos, mesmo nas condições socio-econômicas da região. Ainda, Ian explica, habilidades que não ficam tão em evidência podem ser desenvolvidas em um ambiente com a da TESS: auto-estima, confiança para se dirigir a um adulto, pró-atividade, saber o que quer fazer – não por sonho, mas por experiência própria. Essa é grande vantagem de uma Studio School:

“Normalmente as crianças fazem [na escola] coisas que não são reais. Então, em uma aula de computação você vai fazer um cartaz para um parque de diversões imaginário. Aqui eles estão produzindo um poster para cada um dos eventos que eles mesmo estão organizando, eventos que precisam dar algum dinheiro. Então nós tentamos fazer projetos que tenham conexões reais com o mundo do trabalho, que envolva adultos, e, idealmente, que sejam financiados por outras pessoas. Os estudantes têm que fazer algo de verdade, com prazo, algo que realmente importe” – Ian Pearson, diretor da TESS.

Empreender: uma habilidade para o mundo real

O “por a mão na massa” é importante não somente para ilustrar tópicos do currículos, mas para ajudar no desenvolvimento dos seres humanos que ali estão se preparando para uma vida toda. O “aprender fazendo” não se refere apenas à matemática, às ciências. Se refere a aprender sobre si mesmo, sobre os próprios interesses e habilidades. E testar, acertar e errar faz parte do processo. Nadine diz que em geral “nós esperamos que os jovens tomem uma decisão sobre o que fazer [profissionalmente], mas eles não tem conhecimento, não tem experiência sobre essas coisas”. Portanto o foco da escola é proporcionar, além dos conteúdos curriculares, essa experiência, esse (auto) conhecimento. Testar algo em um projeto e não dar certo, ou não gostar da experiência, é parte do processo de se encontrar como ser humano.

Para dar suporte a essa estrutura, a Nadine nos contou que é importante que a escola conte com pessoas de diversas especialidades, todas trabalhando juntas nos projetos. Por exemplo, professores especializados em ensino primário pois eles têm mais conhecimento e mais ferramentas para tratar com pequenos grupos, para criar a sensação de uma grande família dentro da escola. Outro exemplo são especialistas da indústria e do comércio: na escola eles trabalham na capacitação dos estudantes ao longo dos projetos (mantendo seus cargos na região). Por fim, Nadine diz que é um desafio ser professor na TESS: já que os projetos podem mudar, e já que novos projetos podem surgir, você nunca sabe como vai ser a aula de amanhã. Ainda, estudantes que aprendem desde cedo a botar a mão na massa tornam a vida dos professores mais desafiadora e imprevisível: os esses estudantes se tornam mais pró-ativos, questionam mais e se sentem mais seguros para discordar, para debater e dar seus próprios pontos de vista.



Nós, os alunos brilhantes que fizeram nosso almoço, e o Ian

Autonomia e autoridade

Chegamos cedo, conhecemos a escola, conversamos muito com o Ian e com a Nadine, e tivemos conversas mais pontuais com outros professores e com alguns estudantes. No final ainda nos serviram um almoço preparado pelos próprios jovens que conhecemos ao visitarmos a cozinha industrial. A infra-estrutura impressiona (mais ainda quando consideramos as condições socioeconômicas da região). Tudo foi construído com verba pública e o acesso a escola se dá da mesma forma que outras escolas públicas da região – ela não é mais cara, mesmo com tudo o que oferece como diferencial.

A aptidão para por a mão na massa também impressiona. O quão próximo estudantes, professores e até mesmo os diretores também impressionou. Mas não pudemos deixar de reparar que essa proximidade por vezes trouxe à tona uma tensão entre empoderamento e autoridade: como todos se conhecem muito bem, não foi raro ouvir o Ian perguntando “Fulano, não era para você estar na sala X?”. Vimos algumas discussões entre estudantes e professores, até alguns casos de rebeldia adolescente, com xingamentos aparentemente gratuitos ao diretor. Não tivemos como apurar cada caso, mas parece que a liberdade para criar, concedida e estimulada dentro da escola, junto com o empoderamento do empreendedorismo tem algum efeito colateral. Cria-se uma tensão, um espaço a ser negociado, entre a autonomia dos alunos e a autoridade dos professores.

De qualquer forma, a toda pergunta, os estudantes respondiam, sem fugir ao tema, sem deixar de expor seus próprios argumentos e sem fugir ao debate. Conversavam, estudantes e professores, como gente grande.

COMO FUNCIONA?



APRENDIZADO ATRAVÉS DE PROJETOS

Aliar projetos que atendam a comunidade local, os interesses para os alunos e que deem suporte para o currículo escolar configuram a base conceitual da escola. Além do aprendizado, se desenvolvem outros valores inestimáveis como: auto-estima, confiança e iniciativa.



EXPERIÊNCIA PERSONALIZADA

Através do acompanhamento de competências e aspirações profissionais de cada aluno, surgem oportunidades para a criação de projetos reais, que preparam os alunos a saírem da escola aptos a criarem seus próprios empregos.



EMPRESA ESCOLA

A escola lembra uma empresa com salas super equipadas, inspiradas em escritórios criativos. Eles contam com oficina mecânica, marcenaria, recursos como impressora 3D, igadgets e até uma cozinha industrial.



novas escolas estão sendo criadas

9



14 a 19

anos é a faixa etária que a escola se dedica



15

é o número máximo de alunos por classe



300

é o número máximo de estudantes por escola



KAOSPILOT

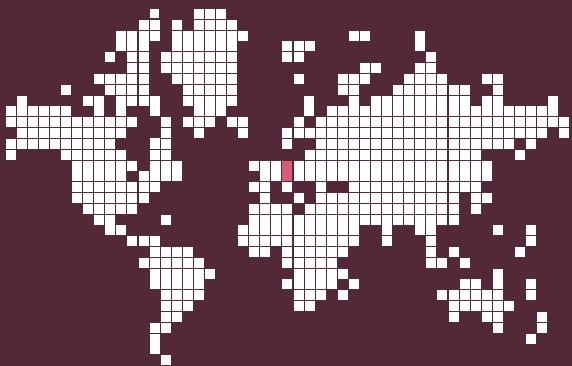


KAOSPILOT

PALAVRAS-CHAVE

**DESIGN
LIDERANÇA
CRIATIVIDADE**

ONDE?



**Aarhus, Dinamarca.
Bern, Suíça.**

QUANDO COMEÇOU?

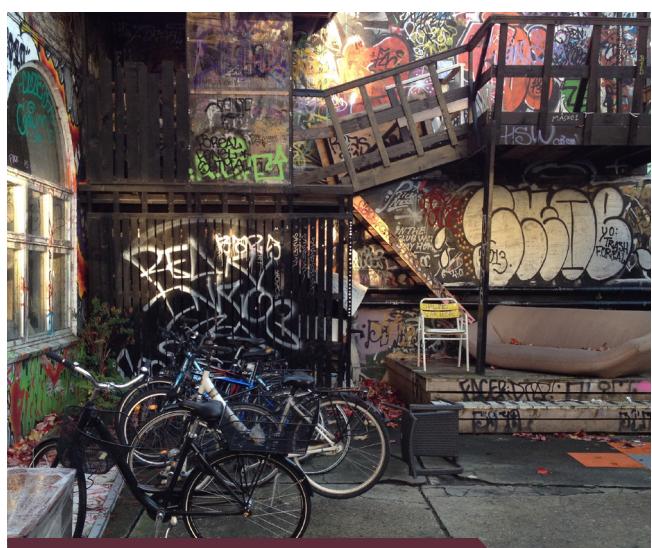
Em 1991, em Aarhus na Dinamarca.

Em nossa única parada fora da Inglaterra conhecemos Aarhus. Uma pacata cidade européia, a segunda maior da Dinamarca. É lá onde vivem menos de 300 mil pessoas que comem pães maravilhosos. Entre esses felizardos estão os “Pilotos do Caos”, como são conhecidos os vibrantes estudantes da Kaospilot. Quase metade deles são da Dinamarca e região, Suécia, Finlândia e Noruega. Os outros são de todos os cantos do mundo.

O início

A Kaospilot nasceu em 1991. Seu fundador, Uffe Elbæk, bebeu nas fontes do ativismo cultural, da Bauhaus, do movimento cooperativo, da cultura Beatnik e das escolas superiores populares. Como dizem, criou “um híbrido entre escola de design e de negócios”. São quatro disciplinas principais: design de liderança criativa, design de projeto criativo, design de negócios criativos e design de processos criativos.

Esse caldo dá, até hoje, o tom do ambiente. A Kaospilot é viva, ativista, criativa e, pelo que sentimos, está sempre buscando se adaptar às necessidades de um mundo em constante transformação. A busca não é por habilidades e conhecimentos para controlar ou gerenciar, mas para liderar e navegar no caos em que vivemos. Nos negócios, nas questões sociais e culturais. É um ambiente de aprendizado para líderes e empreendedores dispostos a construir soluções criativas em tempos e turbulência.



Os estudantes

Cada turma funciona como um grande time de 36 jovens, na casa dos vinte e poucos anos. Em 2015, as inscrições foram para o Team 22, a 22ª turma de Pilotos do Caos. E quem facilitou parte do processo seletivo foi a turma anterior, no caso, o Team 21. Há uma peneira inicial, através de perguntas online provocativas e filosóficas. Depois dinâmicas e desafios em grupo. O objetivo é formar um Team extremamente diverso, para que os estudantes possam aprender uns com os outros e se complementarem.

Ao iniciar o programa, cada estudante recebe cartões de visita com seu nome, um endereço de email personalizado e o número do seu time. Essa será sua identificação por três anos. Nesse meio tempo, se envolverá com problemas complexos, criará projetos, conhecerá pessoas das mais diversas origens e se apresentará como um Piloto do Caos.

Além do programa que equivale a uma graduação, existem cursos curtos sobre liderança, criatividade e educação, e serviços de consultoria para grandes empresas, como a escandinávia Lego, que ajuda a manter a escola. Além da sede em Aarhus, há uma unidade em Bern, na Suíça.

O dia a dia

Tivemos a oportunidade de acompanhar um dia típico na escola. O que mais marca a Kaospilot é a energia vibrante que paira no ar. O clima é de diversão, criatividade e arte. As paredes são livremente desenhadas, o mobiliário colorido, os estudantes descolados e muito à vontade. Aplausos, gritos e comemorações fazem parte do dia a dia. Todos estão comprometidos em manter o clima positivo, a energia pra cima.

É claro que há também concentração, trabalho duro e desafios que os colocam em situações difíceis. Quando o clima fica pesado demais, alguém puxa um “Energizer”, uma dinâmica, um jogo, algo que os faça mexer os corpos, talvez passar por ridículo e quebrar o gelo. Energizar ajuda a manter o ambiente criativo e motivado. Ajuda a manter o grupo em sintonia e pra cima. Essa é uma prática que incorporamos no Estaleiro Liberdade.

O aprendizado

A aprendizagem se dá, principalmente, através de projetos. É comum os estudantes procurarem clientes reais para serviços de consultoria e desenvolvimento de novos negócios. É através de



Atividade durante aula da Team 20



Estudantes da Kaospilot vendo nosso projeto no Catarse

casos reais que praticam as ferramentas estudadas e refletem o quanto eficazes foram.

O Team Leader, que seria o equivalente a um facilitador, interfere muito pouco no processo dos alunos. É muito mais um questionador do que um transmissor de conteúdo. É o responsável por criar e conduzir uma cultura de aprendizado autônomo e colaborativo. Ele até pode convidar professores e especialistas externos. Há teoria, mas o foco é aprender fazendo.

Autonomia para aprender

Na aula que acompanhamos, o Team Leader deixou uma pergunta para os estudantes “Como vocês vão compartilhar entre vocês o que estão aprendendo através dos projetos que estão desenvolvendo?”. E saiu da sala. Rapidamente, o pessoal do Team 20 entrou numa discussão técnica sobre ferramentas online para registrar as etapas dos projetos. Alguns defenderam fóruns e listas de discussões. Veio mais argumentação, sugeriram uma votação, o clima pesou.

Um estudante mais empolgado chamou um “Energizer!”, que foi fortemente aceito. Mas, antes do jogo começar, veio um comentário lá do fundo que mudou os rumos do dia.

“Vocês já repararam que toda vez o que Team Leader sai, nós ficamos perdidos?”. O Piloto do Caos foi ovacionado pelos seus colegas. Mas silenciosamente, com mãos tremulando no ar, um código para mostrar concordância sem atrapalhar a fala preciosa.

Foi isso que aprenderam naquele dia. Que precisam aprender a se organizar. Que precisam aprender a navegar no caos. Não chegaram a uma conclusão sobre como compartilhar os aprendizados entre si. Mas aprenderam fazendo, discutindo, errando, refletindo e se tornaram, assim, mais conscientes do próprio processo.

A celebração dos erros

A coragem é valorizada na KaosPilot. Os erros são celebrados. Errar não é, necessariamente, ruim. É sempre uma oportunidade para aprender. Há um forte incentivo para o estudante prototipar, testar, lançar, descobrir aprendizados com os projetos. Caso falhe, a questão não é como se justificar ou cortar relações com clientes, mas como melhorar e tornar a soluções reais e melhores. “Se você não celebrar os erros, nunca aprenderá com isso. E, assim, nunca se tornará melhor” - Siri Nymanm.



Os projetos

O clima é de autonomia e colaboração. Os estudantes são estimulados a trocarem, se relacionarem entre si e resolverem problemas a partir de suas diferenças culturais. Cada grupo de cinco ou seis estudantes escolhe um problema, investiga, cocria, busca soluções e desenvolve um projeto que, no começo é regional, mas pode alcançar nível global. É comum os estudantes viajarem e passarem meses trabalhando em outros países, resolvendo problemas locais e aprendendo ao se relacionarem com outras culturas. Os Pilotos do Caos procuram a confusão, lugares especiais em qualquer parte do planeta onde estejam acontecendo mudanças profundas.

Apesar de muito ser feito em grupo, as experiências individuais fazem da escola um caminho único para cada participante. O processo é sobre autoconhecimento, sobre reflexão pessoal e descobertas a respeito da própria liderança. Faz parte do aprendizado lidar com habilidades e limites pessoais e aceitá-los para fazer o melhor com parceiros complementares. Os projetos são dos mais

diversos. Uma marca de roupas de hip hop socialmente responsável; um bebedouro em que você pode doar para organizações comprometidas com o saneamento básico em países subdesenvolvidos ou uma partida de futebol que chama atenção do mundo inteiro. Em 2001, um estudante da KaosPilot organizou uma disputa entre a seleção do Tibet e a Groenlândia e deu identidade de nação a um território que luta contra a ocupação chinesa.



A visita

Coincidentemente, enquanto estávamos em Aarhus, o CEO da escola, Christer Win-deløv-Lidzélius, estava em Porto Alegre para palestrar no TEDxUnisinos. Aproveitou a estadia e foi conhecer o Estaleiro Liberdade. Comentou que uma das ideias para o nome da escola foi Kaos Pirates. Isso já nos aproximava. Ouviu interessadamente o que cada Marujo estava desenvolvendo e se admirou com a ousadia da nossa escola pirata. Os europeus estão mais habituados com apoios financeiros por parte de governos e empresas. Nas bandas de cá, fazemos tudo de forma independente e criamos nossos modelos de negócios.



Zona de expansão

Conversamos com Siri Nymann, que se formou na KaosPilot e agora trabalha na escola. Ela nos ensinou sobre o quanto importante é, pra eles, saírem da Zona de Conforto, mas sem se colocarem em problemas que são grandes demais. Desenhou num papel três circunferências circunscritas. No miolo, a Zona de Conforto, tão conhecida por todos nós. Se ficamos nela, não aprendemos nada. Afinal, já sabemos o que fazer e só reproduzimos os mesmos comportamentos. Depois, a Zona de Expansão. Onde os desafios são um pouco maiores e as perspectivas são outras. É onde trabalhamos com pessoas diferentes e fazemos o que nunca fizemos, mas avançamos. Por fim, a Zona de Perigo, onde o desconforto é tão grande que não há aprendizado, onde não há esperança. Em geral, reconhecemos que sair da Zona de Conforto é importante. Mas tememos entrar numa Zona de Perigo. O que Siri nos mostrou é essa área intermediária, a Zona de Expansão. É nela que mora o aprendizado. É tocando, sem adentrar, a área perigosa que descobrimos o novo, nos desenvolvemos e expandimos nossa capacidade.

COMO FUNCIONA?



21
anos é a idade mínima
para ingressar na escola

200
novos projetos são
feitos por ano

600
pessoas já se formaram
pela Kaos Pilot

33%
dos formados
começam novas empresas,
ONGs e iniciativas similares

50%
dos formados assumem
alguma posição de gerência



BROCKWOOD PARK

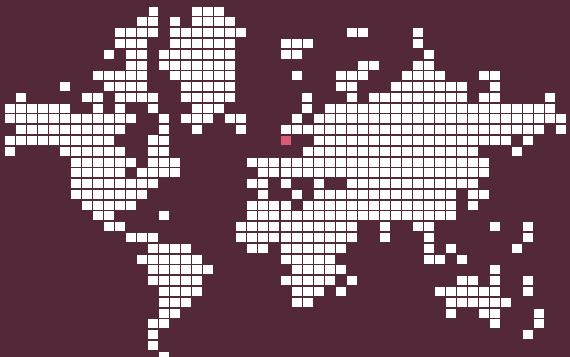


BROCKWOOD PARK SCHOOL

PALAVRAS-CHAVE

IGUALDADE
AUTONOMIA
LIVRE INTERAÇÃO

ONDE?



Hampshire, Inglaterra

QUANDO COMEÇOU?

Em 1969 fundada por J. Krishnamurti.

A Brockwood Park School fica no meio de uma região rural em Hampshire, entre Petersfield e Winchester, duas pequenas cidades a 100km de Londres. É uma escola para adolescentes, algo como o ensino médio no Brasil. Seu fundador, J. Krishnamurti, tem uma história curiosa: bem nascido na Índia foi criado com tudo de bom e do melhor, pois, de acordo com certas crenças religiosas, acreditava-se que ele era um novo messias. Esse esforço da alta classe india envolveu enviá-lo para estudar na Inglaterra e mais ou menos nesse período Krishnamurti assume que não, ele não era nenhuma espécie de messias. Mesmo assim, depois de tanto estudo e reflexão, ele era de fato um filósofo muito erudito para sua época, meados do século XX. Conhecia tradições filosóficas e religiosas, ocidentais e orientais. Com essa bagagem toda ele se torna um pensador inspirador, apaixonado por viagens e por conversas nas quais investigava questões sobre a vida, sobre a busca da verdade, sobre bem-estar e sobre aprendizagem. Ele dizia que preferia a conversa à palestra, e isso tem tudo a ver com a sua visão sobre o que é a verdade: a verdade não é algo externo, algo que temos que buscar acumulando conhecimentos trazidos por professores e livros. A verdade, segundo ele, está dentro de cada um de nós, e o processo de aprendizagem tem que dar suporte para que cada um descubra seus caminhos para desvendá-la.

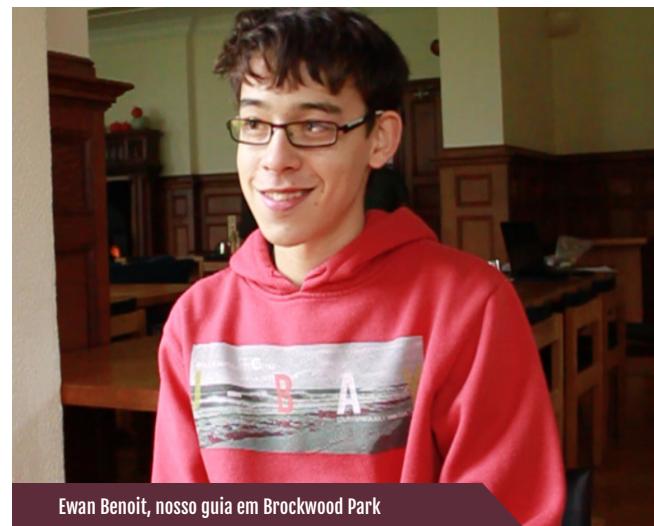
O dia a dia na Brockwood

Poderíamos falar que na Brockwood a livre interação acontece com algumas definições de rotina, mas isso pode parecer muito abstrato. Então vamos a exemplos práticos: todos os dias de manhã eles limpam a escola. Eles todos: do estudante ao diretor. A escola não tem faxineira, então eles cuidam de tudo. E pode ser que o estudante vá lavar o banheiro com o diretor geral da escola, ou que vá descascar batatas com seu professor favorito. E descascar batatas, no caso, é no sentido literal: toda a comida é preparada na escola, tudo vegano e produzido localmente (alguns ingredientes, inclusive, produzidos pela comunidade da escola, ali no sítio onde é a escola mesmo).

Então existe essa agenda com alguns horários de atividades (limpeza, refeições, blocos de horários reservados para aulas etc.), mas existe também uma outra agenda bem mais flexível para as aulas: a cada início de semestre todos podem frequentar as aulas que quiserem e, de acordo com os interessados em cada aula, eles acham um horário que todos possam participar das atividades dessa aula durante o restante do semestre. Os estudantes não são obrigados a cursar nenhuma disciplina específica, eles mesmo escolhem o que estudar, e, de acordo com o que os professores podem oferecer, podem criar novas áreas de estudo, novas aulas, novos enfoques etc. Na verdade esses “grupos de estudos” formados a partir da vontade e do interesse dos estudantes é o que chamamos de aula na Brockwood. E tudo isso (horários, aulas, rotina) é abertamente discutido a partir dos estudantes (ou seja: não é somente discutido com os estudantes, mas a partir deles, dos interesses dos estudantes).

Na nossa visita eles mesmo (estudantes) nos contaram que mudaram um pouco a estrutura das aulas para terem mais tempo para explorar por conta própria os conteúdos que estão estudando, e usar o tempo com os professores mais como um porto seguro (do que como guias que revelariam o caminho a ser percorrido).

Aliás, essa mudança recente nos foi contada de uma forma super inusitada depois de várias horas com Ewan, um estudante, francês, de 13 anos, que nos mostrou todas as dependências



Ewan Benoit, nosso guia em Brockwood Park

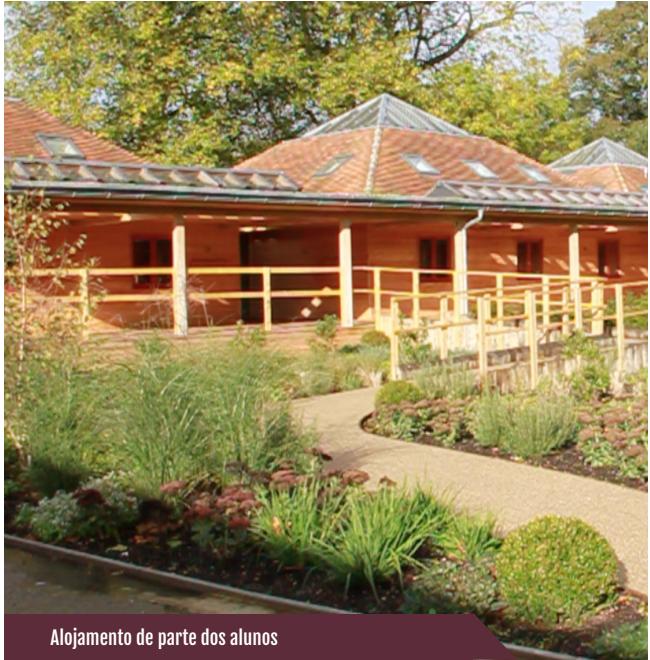
da escola. Foram horas deliciosas nas quais o bombardeamos com diversas perguntas. Mas o Cuducos ficou intrigado: em momento algum algo negativo foi dito, mesmo que indireta ou sutilmente. Ao final do tour, então, ele resolveu verificar com Ewan se era isso mesmo: “E se você pudesse mudar alguma coisa na escola, o que seria?” A resposta veio mais no olhar, do que nas palavras. Os olhos de Ewan escancaravam um desdém pela pergunta. A resposta, em palavras, veio mais ou menos da seguinte forma (depois de longos segundos pensativos, ainda incrédulo com a imbecilidade da pergunta): “Não sei... aqui o que a gente não gosta, a gente conversa e muda...”

Existem coisas fixas e pré-definidas de acordo com as conversas e discussões dos próprios estudantes. Eles escolhem como definir e fixar a agenda e as aulas deles. Se algo está ruim, se não está agradando, conversam e mudam – simples assim. E, claro, esses momentos de conversa de todos com todos é um dos itens mais importantes da rotina menos flexível: é uma atividade diária, que abre a manhã, e que conta também com momentos mais introspectivos, como meditação, por exemplo.

Por curiosidade, ainda nesse tópico: todos os funcionários da escola (do diretor geral ao zelador, passando por todos os professores) ganham o mesmo salário. E é o salário mínimo do Reino Unido. E isso faz parte do ideal de abertura e igualdade deles, além de ajudar a viabilizar financeiramente a escola.

Aprendizagem para a vida

Dessa forma, o ambiente na Brockwood se desenvolve com base na livre interação, entre atividades e conversações abertas, livres, espontâneas. Existem apenas alguma estrutura para dar um ritmo à rotina dos estudantes, mas no geral os cerca de 80 adolescentes que moram e estudam no sítio onde fica a escola são livres para escolher o que querem estudar. E se alguém pensar que um grupo de adolescentes morando num sítio tenderia à bagunça, ao



Alojamento de parte dos alunos

futebol, ao videogame, nunca estaria tão enganado. Prova disso é que o pequeno laboratório de informática da escola, com uma dezena de computadores, nunca fica lotado. Mas nas nossas 36h de estada vimos estudantes estudando, por opção, economia, moda, história da arte, biologia, física...

Comunidade

Com essa diversidade toda, todo mundo na Brockwood Park School valoriza muito o senso de comunidade, de “estar junto”. A partir disso, eles não são muito high-tech, não interagem “tanto” com a tecnologia como intermediária, acabam não ligando muito para as experiências com o mundo “exterior”. Para você ter uma ideia: lá não pega 3G (nem 4G, nem EDGE, nem sinal de celular). Existe uma relação maior com a experiência presencial, com saber quem são as pessoas que estão a sua volta e aprender com isso. Parte disso vem do número limitado de pessoas que compõem a escola, e isso gera uma proximidade onde todos se conhecem (saber o nome de cada um é o básico, todos sabem). Muitos dos que estavam ali vinham perguntar para gente o quê estávamos fazendo ali, nos cumprimentavam, contavam suas histórias espontaneamente. A comunidade facilmente nos identificava como “estranhos” (nada de negativo nisso, mas como eles se conhecem muito

bem, era nítido que éramos gente nova no pedaço). Mas isso também deixa transparente o sentido de autonomia criado no ambiente da escola: eles se sentem à vontade para nos interrogar, para questionar; não têm medo de se expor, de expor dúvidas ou interesses. O fato de ser um espaço multinacional (adolescentes vindos de 22 países diferentes) também enriquece muito o senso de respeito e o despertar de interesse pelo que o mundo tem de diferenças.

Quando chegamos à escola, uma das nossas primeiras interações foi com dois estudantes que tocavam violão em uma sala da casa que abriga a Brockwood Park School. Enquanto conversávamos, passou um adulto, batucou com eles no violão, e seguiu seu caminho (no dia seguinte descobriríamos que ele era o coordenador da escola). Esses dois estudantes nos deram uma boa introdução sobre o que eles sentem vivendo por lá: eles eram apaixonados por música, e preferiam compor as próprias canções do que tocar músicas populares das rádios, músicas que devem fazer sucesso com a maioria dos adolescentes em escolas mais tradicionais. Mais do que isso: um deles era homossexual e já havia passado por diversas escolas, tradicionais e alternativas, pela Inglaterra. Em todas se sentia deslocado, enfrentava tabus, piadas e bullying — tinha problemas de autoaceitação, autoconfiança, coisa que, para nós, era difícil de acreditar vendo a alegria e a desenvoltura com que tocava o violão e cantava pelos corredores da Brockwood.



Oweb nos contando sua história



Cozinha da escola

Na cozinha da escola conhecemos a Soraia, uma portuguesa que após um ano como mature student (como eles chamam os estudantes mais velhos que estão em busca dos ensinamentos do Krishnamurti) foi contratada pela escola:

“Eu venho de uma sociedade em que é o patrão e o empregado, o pai e o filho, é sempre uma hierarquia entre a pessoa que teme e a pessoa que manda. E aqui é mais igualitário, valorizamos mais a nós mesmos, mas sem desprezar a opinião do outro. Mais do que viver em comunidade é sentir que não há muita divisão entre quem é professor, diretor ou aluno, quem é mais adulto ou quem é mais novo. Quando tocamos a discutir assuntos que afetam a comunidade há uma valorização igual. Isso é visto através da confiança nas opiniões de crianças entre 13 e 14 anos, inserindo-as em processos que muitas vezes são exclusivos dos adultos, como a construção do currículo, das aulas... incluindo-as nas questões que envolvem toda a comunidade de Brockwood. E é legal ver o quanto isso interfere na maturidade com que elas a encaram a vida como um todo.”

Esse ambiente, a escola reconhece, não é para qualquer um. Tanto que todo estudante, antes de ser aceito na Brockwood Park School, passa uma semana de experiência para ver se isso é o que ele realmente quer, e para a escola ver se ele realmente está disposto a se integrar e enriquecer essa comunidade.

Apesar de o contato com a natureza que a escola oferece ser algo que eles valorizam muito, existe também a necessidade de compartilhar os ensinamentos e atrair pessoas que se engajem. Algumas ações para incentivar trocas mais online é o blog: mantido pelos estudantes, o site mostra as atividades realizadas na escola. Recentemente a Fundação Krishnamurti fez uma campanha mostrando algumas citações inspiradoras e provocativas pelos metrôs de Londres. Existem também algumas publicações periódicas como boletins e newsletter.

Por fim, ao lado da escola, no mesmo sítio, fica o Centro Krishnamurti: uma espécie de retiro para adultos interessados em conhecer e se aprofundar na filosofia do fundador da escola. Esse retiro conta com quartos individuais, uma biblioteca com todas as publicações do filósofo, muitas traduzidas em diversos idiomas, e um acervo de vídeo e áudio de atividades promovidas por ele.

E caso você não esteja mais na idade de estudar no ensino médio, existem outras formas de vivenciar o que acontece na escola: interessados na filosofia de Krishnamurti podem colaborar com o dia-dia da escola como mature student (como a Soraia fez) ou guest helper (alguém que ajuda no manutenção da escola, cozinhando, cuidando da terra e do que é plantado e colhido no sítio etc.).



Soraia e Francisca, duas portuguesas que contaram mais sobre a escola

Uma escola e a filosofia do Krishnamurti

Em uma conversa com Gopal, o coordenador que vimos batucar no violão com estudantes, aprendemos um pouco sobre o papel dos professores (e da coordenação) na Brockwood. Ele disse que a escola não faz perguntas cujas respostas eles já se sabe; e, se fazem, é porque o que interessa não é a resposta, mas sim os porquês de cada uma das respostas, de cada um dos estudantes. Em um exemplo simples ele conta que caso ele venha a perguntar a um estudante, digamos, quantos lados tem um cubo, pouco importaria ouvir como resposta o seis (talvez a resposta mais tradicional), o dois (o de dentro e o de fora), três (os lados visíveis caso o objeto esteja na mesa), ou qualquer outra possibilidade. O interessante, ele reafirma, é entender como cada um chega a sua resposta. Apesar da simplicidade do exemplo, a mesma lógica ajuda a explicar como a escola se sustenta dando tanta autonomia para os estudantes: caso um estudante decida que não quer estudar, isso é colocado em segundo plano e o foco das conversas passa a ser entender o porquê dessa

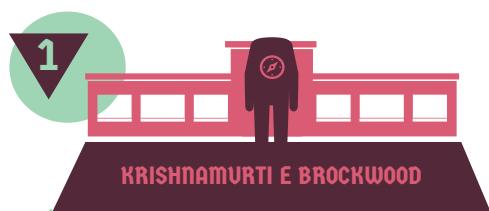
decisão — e nesse processo normalmente se encontra algo do interesse do estudante, algo para ser reformulado no ambiente, alguma coisa que o engaje novamente no aprendizado.

Um amigo, logo depois que visitamos a escola, nos perguntou se existe uma coordenação ou se tudo é criado a partir das interações de quem lá está. Se essa é sua dúvida, tire o “ou” da sua pergunta. Existe um coordenador e tudo é criado de a partir das interações. O papel do coordenador é refletir e aprender com as experiências de Brockwood, assim como esse é também o papel dos estudantes. Para Krishnamurti educação não tem começo, meio e fim, então o coordenador aprende com o que acontece ali e vai cuidando para que o espaço (no sentido literal e figurativo) exista: para que as conversas continuem acontecendo e uns continuem aprendendo com os outros. A direção para onde vão, e o que vão fazer pouco tem a ver com o papel do coordenador. O que diferencia o coordenador é apenas um domínio maior da filosofia do Krishnamurti — e acreditando nisso, é só confiar no processo.

COMO FUNCIONA?



Os estudantes interagem livremente, escolhendo o que, como e quando estudar. Eles são ouvidos e seus interesses guiam o conteúdo das discussões e atividades do dia a dia.



A filosofia de J. Krishnamurti guia toda a estrutura da escola. Não há verdade a ser ensinada, há o suporte para que se desvende a verdade que está dentro de cada um.



COMUNIDADE

O papel dos professores, coordenadores, e alunos mais velhos é fazer os estudantes mais novos refletirem sobre suas próprias escolhas e construirão caminhos para suas aspirações com o que a escola tem a oferecer.



13 a 19
anos é a idade dos estudantes que conhecemos



20
nacionalidades dentro de uma mesma escola



80
estudantes é o máximo que a escola abriga por ano



95.000
são investidos em bolsas de estudo



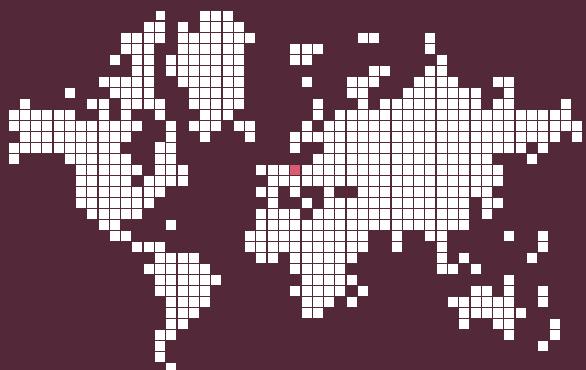
SCHUMACHER COLLEGE



Schumacher College

PALAVRAS-CHAVE
HOLÍSTICO
COMUNIDADE
SUSTENTABILIDADE

ONDE?



Totnes, Inglaterra.

QUANDO COMEÇOU?

Em 1990.

Tivemos o privilégio de viver uma semana na inglesa Schumacher College. O Larusso durante as viagens da Expedição Liberdade, se inscreveu na Schumacher Experience. O Cuducos, meses mais tarde, no Complexity and Collaboration. E “viver” na escola não é só uma expressão. É viver mesmo, sentir a riqueza de uma mistura de casa, ecovila e universidade. Grande parte do valor de estar na Schumacher é mergulhar nessa atmosfera. Ser parte da comunidade, conviver em um ambiente leve, acolhedor e consciente. Acordar, meditar, comer, trabalhar e dormir faz parte da vida na Schumacher.

Aprendizado transformador para uma vida sustentável, esse é o norte teórico e a prática diária. A partir de um profundo entendimento ecológico, holístico e complexo sobre o mundo, a Schumacher é muito coerente em cada detalhe: do cozinar alimentos plantados lá à festa semanal sem energia elétrica. E a transformação que norteia a escola vem de dentro de nós mesmos, catalisado pela imersão no estilo de vida que eles põe em prática no dia a dia.

A Schumacher fica na pequena cidade de Totnes, há umas 4 horas de trem de Londres. É um pacato refúgio em uma pequena cidade alternativa. Os 8 mil habitantes de Totnes podem se orgulhar por ela ser uma das cidades mais funky do mundo. Uma Búzios, só que sem praia, nem badalação, e com todo o jeitão do interior inglês. No centro da cidade, que fica há uns 15 minutos de ônibus da escola, você pode encontrar artistas, músicos, sebos, brechós e lojas com alimentos naturais. Mas, durante o curso, se você ficar nas acomodações da escola, esse pequeno universo paralelo passa despercebido. Dá pra passar muito tempo se encantando com as dependências da Schumacher, um mundo a parte, que vai de um casarão do ano mil seiscentos e bolha (“o Old Postern é de 1328”, Felipe Cunha), aos campos de cultivo, alojamento e livraria. E, claro, ficar hospedado lá é a melhor forma de imergir na teoria e na prática proposta pela escola.



Entrada da Schumacher College

Nossos cursos

O curso que o Larusso fez é uma chance de provar um pouquinho de tudo que rola por lá, em seis dias. Foi um momento para relembrar do que realmente importa na vida, através de dinâmicas, conversas significativas e aulas. Além de duas facilitadoras, um professor convidado por dia guiava o grupo. Os participantes eram uns 20, vindos de vários cantos do mundo: México, Japão, Turquia, Austrália, Hong Kong e países europeus. Jovens e seniores, todos excepcionais em suas áreas, engajados em um outro jeito de cuidar da educação, negócios, organizações, nós mesmos e da Terra. Todos criaram um enorme senso de comunidade, trabalhando juntos, compartilhando questões íntimas e renovando as esperanças. Por uma semana, juntaram superpoderes e liberaram o Capitão Planeta que existe em cada um de nós.

A Schumacher Experience pode ser um bom início de caminho pra quem pretende conhecer mais sobre a escola, talvez antes de se comprometer com um dos programas de pós-graduação que tem a duração de mais ou menos um ano. São eles: Ciências Holísticas, Economia para Transição, Horticultura e Produção de Alimentos Orgânicos, e, o mais novo, Design Thinking Ecológico. Acontecem também vários cursos curtos ao longo do ano, como os que cursamos. Esses são sempre profundamente ligados à sustentabilidade e à nossa complexa relação com o todo, com a natureza, com o mundo, com gaia. Sobre essas áreas, a escola costuma receber algumas

das maiores referências do mundo: Fritjof Capra, Vandana Shiva, Stephan Harding e o fundador Satish Kumar são alguns dos nomes.

O curso que Cuducos fez é um desses que acontecem ao longo do ano. Complexity and Collaboration revela a abordagem que está por trás da ecologia da Schumacher College. Todo ano, Eve Mitleton-Kelly visita a escola para compartilhar seu conhecimentos na área de teoria complexa e consultoria – e assim surgiu esse curso. Se juntam a ela colaboradores da Schumacher, ex-alunos e professores fixos de lá. O forte da atividade é ver como a abordagem a partir de sistemas complexos é vista tanto na academia – já que Eve é professora na LSE, uma das melhores universidades da Inglaterra – quanto no mercado – já que boa parte do curso fala de casos nos quais Eve e seu grupo de pesquisa foram procurado para prestar consultoria a empresas (do pequeno Dartington Hall Trust, instituto no qual a Schumacher College está inserida, à gigante Rolls-Royce). O grupo desse curso também era eclético em termos de nacionalidades: tinha gente da Colômbia, do Brasil, da Austrália, da África do Sul, da Nova Zelândia, da Bélgica, da Alemanha, da Índia, da França e, claro, da própria Inglaterra. O perfil profissional era um pouco menos variados: muitos tinham experiência em áreas como consultoria, coaching, empreendedorismo ou pesquisa e inovação.

Apesar de parecer um curso mais tradicional a turma do Complexity and Collaboration não

escapa da atmosfera da escola. Laços de confiança e o sentimento de pertencimento a uma comunidade são sentidos à flor da pele. Parece que o lugar é mágico. Com o passar dos dias percebe-se que a forma de acolher e de dividir as responsabilidades debaixo de um mesmo teto é feita de um jeito que te reconecta com a complexidade do mundo, da natureza, da humanidade. Na bolha Schumacher College, precebemos ainda mais a carência desse sentimento de comunidade, e passamos a ver nossas relações com um outro olhar – justamente o da complexidade da nossa relação com os outros, com a natureza, com as formas de gerir nossos recursos etc.

Schumacher College e brasileiros

O que não falta na Schumacher são brasileiros. Durante nossa estada, conhecemos por volta de uma dúzia de brasileiros lá. Descobrimos que, depois dos britânicos, somos o maior grupo de ex-alunos. Mais de 200 já estiveram por lá. Não à tóia, acontecem encontros em São Paulo de ex-alunos de lá. Há alguns meses, rolou um em que, além dos brasileiros, o diretor da escola Jonathan Rae e a professora Patricia Shaw também estiveram presentes. O Larusso participou de um encontro na Inglaterra, ainda na Schumacher, em que eles mostraram fotos e dividiram suas impressões sobre a visita ao Brasil. Demonstraram uma visão muito positiva do país, da nossa capacidade de criação e das várias iniciativas no campo da sustentabilidade que, apesar de parecerem dispersas, estão acontecendo a todo vapor por aqui.

Tangibilizando o útil

Em momentos como esse, nos damos conta do que tanto nos atrai nas escolas além-mar. Mais de 20 anos de história, recebendo pessoas de todo o mundo, dão muita credibilidade e muita consistência. A Schumacher tem a capacidade de dar clareza e tangibilizar um campo tão subjetivo, espiritualizado e complexo como a sustentabilidade, a ecologia e a percepção holística de mundo. Percebemos muita excelência no aterramento, no ato de objetivar e



Campos de cultivo da Schumacher College

tornar visível o conhecimento. O aprendizado está nos livros publicados pela escola, nas aulas bem trabalhadas, nos espaços bem cuidados, nos conceitos difundidos pelo mundo, nos cursos que eles promovem periódica e sistematicamente. E também no dia a dia, nas mãos que manejam ferramentas para plantar e cozinar o próprio alimento, nos encontros diários em torno da lareira, no tratamento dos resíduos, nos voluntários que constituem e contribuem pra comunidade. O útil e o objetivo estão em toda parte, harmonicamente. O aprendizado de anos se reflete na prática diária.

Talvez o maior exemplo dessa coerência seja o trabalho em comunidade. Diariamente, estudantes, voluntários, professores, funcionários, diretores, todo mundo põe a mão na massa. Pontualmente às 8h30, o gongo chama uma pequena reunião matinal. Todos em círculo, muito centrados, presentes integralmente. Em quinze minutos, conversamos sobre o dia que se inicia, compartilhamos leituras, fazemos nossos corpos e cabeças acordarem e repassamos nossas tarefas. Grupos se revezam entre jardinagem, limpeza e cozinha por uns 45 minutos. O cuidado com o espaço é tão importante quanto o cuidado entre as pessoas. É no trabalho em grupo que fazemos o que deve ser feito para manter a vida em harmonia na Schumacher College.

O fim desse mundo

Além da prática, a teoria é levada a sério. Uma enorme e linda biblioteca é um mar de silêncio e concentração. Alguns dos maiores especialistas do mundo varrem o chão e também dão aulas sobre gaia, teoria da complexidade e economia para a transição. Nelas, sentimos que nos últimos 20 anos tomamos maior consciência do cenário perigoso que construímos. As ações do homem colocam em risco a vida no planeta. Vivemos uma crise espiritual, econômica, social e ecológica, a tragédia tá desenhada.

Mas calma. Vai ficar tudo bem. Está tudo bem. Temos fé. Entendemos que a esperança mora nessa mesma casa, no planeta Terra. A educação holística que a Schumacher propõe diz exatamente isso: temos que cuidar da nossa casa, seja ela a própria Schumacher, seja o planeta. A colaboração e tecnologias que nos conectam e distribuem poder podem ser um caminho pra reestabelecer a harmonia da vida por aqui. Os slides do professor Jonathan Dawson, diretor do curso Economia para Transição, trouxeram exemplos familiares,

principalmente nas bandas de cá, nas bandas do Estaleiro Liberdade: financiamento coletivo, consumo colaborativo, uma nova economia baseada em valores para além do dinheiro. O que estamos fazendo, amigos, é muito maior do que podemos enxergar.

“Quando vocês saírem das suas universidades, não procurem um emprego. Crem seus empregos. Quando você se torna um empregado, você suspende sua criatividade, você suspende sua imaginação. E você está apenas seguindo as ordens do seu chefe, da sua compania, das regras e regulamentações... e você tem pouquíssimas chances de ser você mesmo(a), de ser o seu eu-criativo(a)“ - Satish Kumar, fundador da Schumacher College.

Head, heart and hands

Por trás do aprendizado transformador para uma vida sustentável, esse é o lema da escola: unir cabeça, coração e mãos – o pensar, o sentir e o fazer. Se até agora falamos muito do coletivo, da comunidade, do mundo, de gaia, vale lembrar que antes da reunião diária das 8h30 tem um outro gongo, às 7h15 da manhã. Nessa hora quem



Uma aula com o Dr. Stephan Harding

quiser se dirige à sala de meditação. Muitos dos alunos, voluntários e até alguns professores ficam por ali, nas acomodações oferecidas pela própria escola. Quando toca o gongo, ninguém fala nada, mas quem está disposto entra, se senta confortavelmente e tem 30min de meditação – antes mesmo do café da manhã.

Assim, fecha-se o ciclo. Toda a carga de conteúdo dos anos e anos de experiência da Schumacher College e de seus professores (head) não fazem sentido sem momentos mais introspectivos como a meditação (heart), nem sem o envolvimento com o que se faz, na prática por lá (hands), que vai desde o cultivo e preparo dos alimentos, passando pelos cuidados com a casa, e indo até a execução dos projetos de pesquisa que fazem parte dos cursos. É isso que colocamos no nosso infográfico: esse tripé que possibilita que o olhar profundamente ecológico empodere a Schumacher a falar não só da natureza, mas de nós mesmos, da forma como nos relacionamos, como produzimos, como consumimos, como criamos um estilo de vida específico – e, evidente, a empodera para criticar e propor alternativas a esse estilo de vida.

Mais referências

Do nosso envolvimento e das nossas explorações sobre a Schumacher College tiramos mais algumas coisas que vocês podem gostar. Fechamos o post com mais coisas sobre a Schumacher com as quais aprendemos muito e com as quais achamos que podemos transmitir melhor o que sentimos ao estar lá.

Volta ao mundo em 13 escolas, pelo Coletivo Educ-Ação

A Schumacher College mereceu um capítulo nesse livro que também trata de alternativas no cenário de educação, e que também foi financiado através do Catarse. Tem uma cópia do livro lá na biblioteca da Schumacher, mas você pode baixar o livro digital, é gratuito.

Uma nova economia, por Felipe Cunha

O Felipe Cunha é um carioca que conhecemos lá na Schumacher College. A pesquisa de mestrado dele, dentro do programa de Economia para Transição, trata da nova economia. Ele mantém um blog sobre o tema e sobre a sua experiência na Schumacher. Para esse blog ele tem produzido alguns vídeos curtos com convidados.

COMO FUNCIONA?



CABEÇA

A parte intelectual, mesmo que baseada em livros, é colocada lado a lado com a vivência em uma casa comum, seja a Schumacher, seja o planeta como um todo.



APRENDIZADO HOLÍSTICO

A partir de complexidade das nossas relações com o planeta, propõe-se uma nova forma de educação que possa transformar nosso estilo de vida. O planeta passa a ser um professor, uma fonte não só de recursos, mas também de aprendizados. Para tanto, é necessário unir cabeça, coração e mãos em um mesmo processo.



mãos

O por a mão na massa é também uma fonte de aprendizado: como criadores nos relacionamos diretamente com os recursos naturais e nos reconectamos com nossa natureza humana.



4

opções de cursos de mestrado



24

horas de dedicação por semana dos voluntários



CORAÇÃO

O que sentimos passa a ser parte integrante do processo de aprendizado, orientando nossas viências e nos fazendo refletir sobre nós e sobre o que está ao nosso entorno.



31

cursos de curta duração realizados em 2013



mais de

200

alunos brasileiros passaram pela escola

MUITO OBRIGADO

Não podemos deixar de agradecer a cada um dos nossos 110 apoiadores, a cada uma das pessoas que se dispuseram a conversar conosco e abrir as portas de seus espaços para nos receber, e a nossos parceiros Estaleiro Liberdade, Nós.vc, Vilaj Coworking, Laboriosa 89 e Ideafixa. Sem vocês, nada disso teria acontecido. Nossa imensa gratidão a cada um de vocês fica registrada aqui!

APOIADORES CATARSE

Agata Morena De Britto	Felipe Vargas	Marcelo A Garcia
Alessandra Lombardi	Fernando Domingues Jr.	Marcelo Bohrer
Alexandre Carvalho	Fernando Pj	Marcelo Fagundes
Alexandre Erhart	Fran Caye	Marcelo Terça-Nada
Alice Cristine Zanella	Gabriel Medeiros Gomes	Marco Túlio Boschi
Alina de Almeida Linch Silva	Gabriela Zambenedetti	Mari Achutti
Amanda Costa	Giovani Castelucci	Maria Carmencita Job
Andre De Azevedo Amedomar	Gui Neves	Mayumi Sato
André Rodrigues da Silva	Gustavo Guerra	Midori Kobashigawa de Barros
Antonio Amaral Braga	Gustavo Pinheiro	Natalia Sabio
Atus Palomo	Hernán Efrón	Natália Toledo
Bárbara Thiele Rodrigues	Ian Thomaz Puech	Natalia Torres Amaral
Bibiana Serpa	IdeaFixa	Oswaldo Oliveira
Bruno Ávila Wolff Evangelista	Igor Botelho	Pedro Axelrud
Bruno Duarte	Igor Oliveira	Priscila Norcia
Camila Barros	Ísis Ramos	Rafael Barboza Cardoso
Camila Haddad	Jaana Pinheiro	Raíssa Couto
Camila Vieira	Janaína Moitinho	Raquel de Santana Iraha
Caroline de Lima	João Paulo Paiva	ReciclagemXXI
Cristopher Bertoni	Jorge Hoelzel Neto	Renato Bedore
Daison Paz	José Henrique Fernandes	Ricardo Maluf Gardolinski
Daniel Nunes	Josemar Davi Luedke	Rodrigo Granja
Debora Luz	Julio Cesar Boschi	Rodrigo Maia
Denis Nobuo Itoo	Kelly Alves Sugiyama	saavick/santanna
Diego Borin Reeberg	Leonam Espíndola	Samille Sousa
Elaine Melo	Leonardo Correa	Silvia Caminha
Enzo Zuccolotto	Leticia Eiterer	Tania Carvalho
Erico Vieira	Letícia Sanchez	Thelma Nicoli Wiegert
erulos	Lidia Rodrigues	Thiago Raydan
Evelise Dambros da Luz	Lisiane Passuelo	Tomás de Lara
Fabiano Braga	Lorena Coelho	Vanelli Feitoza
Fabio Iori	Lucas Pasqual	Vanessa Espínola
Feijão Costa	Luciano Annes Nunes	Verena Pessim
Felipe Amaral	Lucio Wagner	Victor Hugo Reimann
Felipe Cabral	Luis Otávio Ribeiro	Victor L. Pontes
Felipe Felisberto de Souza	Luísa Fedrizzi	Vitória Fonseca
Felipe Pistoni	Maitê Vallejos	

ESCOLAS

Schumacher College

Felipe Cunha
Arthur Specker
David Cousin
Ernesto Lopez
Peter Westoby
Mikden Richenda Rebeh
Staff, volunteers, teachers
and friends

The School of Life

Jackie De Botton
Igor Botelho
Mary Toal
Feiyi Wen

Kaospilot

Henrique Vedana
Siri Nyman
William Hewett
Haotian Cheng
Sebastian Rasmussen
Team 20

Tendring Enterprise Studio School

Ian Pearson
Nadine McFadden
David Nicoll

General Assembly

Gordon Macrae
Matt Cynamon
Gerry Mathe
Sharif Zubi
Adebamigbe Fasanmade

Brockwood Park School

Bill Taylor
Gopal Krishnamurthy
Ewan Benoit
Francisca Borges
Arina Abramova
Oweb Drew
Soraia Sofia Ruiz Costa
Benjamin Hammond

Hyper Island

Jim Ralley
Paulo Yanaguiwawa

Team Academy

Alison Fletcher
Henna Kääriäinen
Nina Jussila

Trade School

Laura Billings
Alice Cretney

Imagine Spain
Paloma Yáñez
Christina Rebel

Transeuropa Festival
Zombie Girl
Lifestyle Hacker

The Really Open University
Rhiannon Colvin

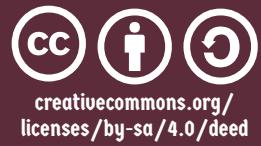
WORKSHOPS

Casa Liberdade
Vilaj Coworking
Laboriosa 89
Goma
Nós.vc
Todos que compareceram
e compartilharam suas
visões sobre novas
formas de educação.

AGRADECIMENTO ESPECIAL

Breno Strussmann
Bibi Xausa-Bosak
Felipe Cabral
Patrícia Lima
Stefan Veis Pennerup
Mauro Rego
Renan Lazzarin

Alex Bretas
Caio Dib
Diego Macedo
Camila Haddad
Leo Correa
Felipe Freitag
Freddy Cuzco



[creativecommons.org/
licenses/by-sa/4.0/deed](https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed)

APOIO:

LAB89



www.laboriosa89.com.br

www.estaleiroliberdade.com.br

IDEAFIXA

www.ideafixa.com



www.nos.uc

vilaj coworking

www.vilaj.com.br